

Representações que cercam o gênero

Horizontes Antropológicos gênero

FONSECA Claudia e BRITO Maria Noemi
(org.)

Porto Alegre Universidade Federal do Rio
Grande do Sul 1995 ano 1 n° 1 (semestral)

Horizontes Antropológicos é uma revista temática semestral editada pelo Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul cujo primeiro número e dedicado a gênero. O fato de este tema ser o escolhido para iniciar a publicação certamente é significativo do reconhecimento que esta área de estudos vem ganhando no âmbito acadêmico. Os artigos pelas reflexões e informações etnográficas que trazem justificam esse reconhecimento e dão um fôlego novo às iniciativas de divulgação das pesquisas em curso nas nossas universidades.

São oito artigos e duas entrevistas além de uma série de resenhas e das referências de teses e dissertações em Antropologia defendidas no primeiro semestre de 1994. O texto de Michelle Rosaldo que abre o volume é um exemplo de artigo que mesmo depois de 15 anos de sua publicação inicial continua mais atual do que nunca. Sua tradução permite o acesso a uma contribuição fundamental principalmente pela perspectiva crítica que traz a área da antropologia de gênero ou de estudos feministas. Por isso merece destaque aqui.

A autora questiona a interpolação entre feminismo e discussão teórica mostrando os seus limites além de apresentar pressupostos básicos para este tipo de debate que passam ao largo de muitos trabalhos. Ela parte da constatação de que os estudos feministas produziram muito conhecimento **sobre mulheres** reunindo um arcabouço considerável de informações etnográficas mas sem que houvesse

um avanço correspondente em termos de possibilidades explicativas. A discussão fundamental e que tipo de questões deve se fazer a partir desses dados.

Rosaldo aponta distorções das abordagens em curso como o olhar que as(os) estudiosas(os) feministas têm tido sobre as formas tradicionais (pre modernas) de sociedade que peca por tentar afirmar uma posição superior das mulheres. Também questiona os argumentos que opõem homens e mulheres em função da diferença que haveria entre os seus papéis de acordo com a separação entre as esferas pública e privada. Para a autora ao contrário é preciso questionar as relações entre essas esferas e entre mulheres e outras mulheres, mulheres e homens, homens e homens. Ela pretende sair do campo de força conceitual que amarra as mulheres a posição de meros objetos seja da ação masculina, seja da biologia. As explicações para a assimetria não estão na morfologia ou biologia mas em fatos sociais específicos onde se relacionam desigualdade e hierarquia. Para ela a assimetria de gênero é um tipo muito problemático de fato universal, ocorre em todas as sociedades conhecidas mas não assume a mesma forma e conteúdo em todas elas. Assim como o parentesco é um aspecto da organização da vida coletiva existe em todos os lugares mas com infinitas variações. Os arranjos entre os sexos são similares demais para negarem uma base universal comum e variados demais para serem entendidos em termos de qualquer causa universal. O lugar da mulher na vida social deve ser visto de acordo com o sentido que suas atividades adquirem através da interação social concreta. Para a autora o gênero é um produto complexo de variadas forças sociais e não um fato unitário determinado. Ela propõe o abandono de concepções individualistas (que argumentam serem as formas sociais resultado do que as pessoas particulares fazem) ou biologicistas (para as quais as atividades são derivadas da fisiologia).

reprodutiva) em prol da noção de gênero como produto de relações sociais em sociedades concretas e mutáveis

Os artigos que seguem de certa forma compactuam com os pressupostos de Rosaldo além de pela variedade de temas abordados identificarem a particularidade que uma abordagem de gênero pode trazer a problemáticas clássicas das ciências sociais como por exemplo sindicalismo e religião

Seguindo a ordem da revista temos o texto de M Corrêa que traz contribuições importantes para se entender o papel das mulheres na história da Antropologia no Brasil ao reconstruir a biografia da naturalista Emília Snethlage. A obra desta cientista alemã que trabalhou no Museu Goeldi (do qual foi diretora) e no Museu Nacional apresenta descrições interessantes dos grupos indígenas que visitou em decorrência de suas atividades como ornitóloga. Mas essas incursões ao campo e o tipo de reconhecimento que a Dra. Emília recebeu publicamente como a constatação de seu espírito varonil revelam muito mais sobre a própria trajetória e natureza de nossa Antropologia apesar da atuação pioneira mulheres como ela são pouco lembradas como personagens de nossas aventuras antropológicas iniciais e primordiais

Ja Minam Grossi a partir de um panorama da entrada e multiplicação das ordens religiosas de mulheres no Brasil propõe algumas pistas para entender a sua trajetória fecunda aqui em função da reprodução econômica e simbólica do campesinato da região Sul. Em Santa Catarina desde a década de 1920 as terras distribuídas aos imigrantes europeus passam a se esgotar ao mesmo tempo em que se inicia o processo de industrialização em algumas regiões do Estado. A multiplicação das congregações religiosas que ocorre nessa época estaria associada a uma estratégia de não fragmentação das terras familiares paralelamente a uma valorização do celibato no plano simbólico. Mesmo que para as famílias mandar a filha para o convento signifique perda de mão de obra além do gasto com o dote para o convento garante-se que não haja uma fragmentação maior da terra. Abrindo mão de sua parte na herança a moça ganha o dote necessário para a sua admissão. Apesar de ser um tabu principalmente quanto ao seu valor o dote funciona como um dispositivo que articula a família e o convento e define a hierarquia de prestígio entre as aspirantes e entre as ordens

O artigo de Maria Noemi Brito pretende que se perceba não só os movimentos de parti-

cipação política das mulheres mas também sua concepção do que seja esta participação e quais as razões que as levam a ela. Estudando operárias do sindicato das trabalhadoras da indústria do vestuário de Porto Alegre ela segue o caminho de desvendar essas motivações. As duras condições de trabalho e a atitude repressora das chefias levam a **insatisfação** as trabalhadoras o que opera no sentido do **afastamento** (expresso na submissão ou medo) ou da **reação** (através da participação em movimentos organizados). Esses fatores ao lado das condições pessoais das mulheres (como família, idade, ter ou não filhos) possibilitam compreender a opção das sindicalizadas não somente a partir de uma visão econômica mas em termos da satisfação/prazer/realização

Luis Otávio R. Aquino contribui para que a homossexualidade seja pensada como uma infinita variação sobre o tema das relações sexuais e afetivas quando nos apresenta uma etnografia de lésbicas de Porto Alegre. A noção de que há inúmeras distinções entre as vivências homossexuais e expressa através dos discursos de suas informantes que criam categorias (como **prática sexual**) que recortam a sua realidade. Definições como **ativo/passivo** estão associadas a como os papéis de gênero e comportamento sexual são vivenciados e representados. Dentro desse quadro os papéis masculino e feminino são negociados, teatralizados, definindo uma hierarquia que é acima de tudo social. Na prática os depoimentos mostram que a identidade feminina permanece marcante uma ideia que se distancia da visão de senso comum segundo a qual quem tem atração pelo mesmo sexo deve portar-se como sendo do sexo oposto (sem lugar para nuances) ou de definições mais imediatistas que insistem em ver as lésbicas como simulacros dos homens

As representações que cercam o gênero também são realçadas na pesquisa sobre gurus de rua da capital gaúcha. Lisiane Leczneski a partir das manifestações do cotidiano desses meninos como cantigas, conversas, brigas e desafios aponta como suas normas de conduta e hierarquias estão referenciadas ao seu imaginário sobre masculinidade. Em um mundo onde frequentemente tem que recorrer ao sexo com outros homens para não serem presos ou maltratados ou para conseguir dinheiro eles constroem sua masculinidade a partir de negociações sobre um código de honra que tematiza com preeminência a sexualidade e a violência

Claudia Fonseca estuda a partir de três relatos sobre infidelidade masculina como as

mulheres da periferia de Porto Alegre constroem em um **folclore feminino**. A riqueza da abordagem está em perceber a natureza desse tipo de comunicação oral que beira ao entretenimento e não so as queixas e que se utiliza de uma vasta linguagem corporal ou encenação teatral compondo uma **oralidade ilustrada**. Como resultado dessa estratégia metodológica descobre-se além dos significados presentes no imaginário das mulheres a peculiaridade de suas formas de expressão. Em termos de conteúdo os relatos expressam que para combater a desordem da infidelidade masculina as mulheres transgridem seu papel usual e adentram um mundo que não é de seu domínio para resgatar os parceiros o que indica a composição de uma imagem feminina que não é nem de mártir nem de eternamente culpada. Discutindo a complexidade da transposição para a escrita antropológica desses discursos tão ricos em suas manifestações a autora defende que através da abordagem de gênero e atenção as formas expressivas bem como a relação entre estilo e valor é possível compreender as construções de pessoa que estão em jogo.

O artigo final de Veronique Boyer Araujo salienta a dinâmica do universo religioso e as diferentes modalidades de participação que ocorrem em zonas de passagem entre cultos de possessão e igrejas pentecostais de Belém do Pará traçando analogias entre os universos de médiums e crentes. Tendo como orientação uma perspectiva de gênero a autora sugere que os comportamentos das mulheres nesses dois universos expressam uma feminilidade marcada pelo englobamento da vivência religiosa e pela submissão enquanto para os homens homossexuais dos terreiros e pastores pentecostais teria lugar uma identidade definida pelo fracionamento. A relevância desta abordagem está em propor uma nova leitura ao entendimento dos fenômenos ligados ao mundo religioso a partir da contraposição entre a representação dos papéis masculino e feminino vivenciados pelos seus integrantes.

Certamente esses artigos não deixam dúvidas sobre as contribuições da perspectiva de gênero a Antropologia. Contudo deve-se chamar a atenção para um determinado estado da área que a edição desta revista também revela. Para um campo de estudos que tem como base a noção do relacional entre masculino e feminino do cruzamento entre vivências de homens e mulheres e suas visões de mundo o fato de a maioria dos artigos ser elaborado por mulheres e sobre mulheres talvez devesse

causar um certo espanto. Principalmente por se tratar de uma revista acadêmica deveríamos esperar uma presença maior de estudos elaborados por pesquisadores homens e tendo como objeto a masculinidade ou uma relação mais direta entre masculino e feminino.

A interpenetração entre militância e trabalho acadêmico que em grande medida suscitou as questões iniciais de pesquisa parece ainda predominante quando se trata dos atores presentes no caso dos estudos de gênero. Sem entrar no mérito da questão sobre a natureza dessa relação instituinte cabe apenas lembrar a propósito desta publicação que o campo permanece ainda predominantemente feminino herdeiro das lutas feministas. Isso não so no sentido de quem estuda e escreve sobre gênero mas também dos objetos escolhidos. Talvez se trate de dizer o óbvio mas o fato é que muito tempo se passou desde os primeiros estudos sobre mulher. Parece que devemos pelo menos estranhar a ausência de pesquisadores do gênero masculino e do privilégio ao relacional e concreto que coloca homens e mulheres como sujeitos interligados (de acordo com o que nos lembra oportunamente Rosaldo). Não se trata de um julgamento mas do exercício da desconfiança que é suscitado quando uma nova possibilidade de reflexão e debate instigante como é o lançamento de *Horizontes Antropológicos* nos chega às mãos.

FABIOLA ROHDEN ■

Os bons frutos da pesquisa

Novos Olhares mulheres e relações de gênero no Brasil

BRUSCHINI Cristina e SORJ Bila (org)

São Paulo Marco Zero/Fundação Carlos Chagas 1994

Este é mais um livro resultante do Concurso de Dotações para Pesquisa sobre Mulher criada em 1978 e promovido pela Fundação Carlos Chagas com apoio da Fundação Ford Voltado para o campo de estudos sobre a condição feminina esse concurso tem coberto sistematicamente a cadeia que integra o financiamento de pesquisas a realização de seminários e a publicação de trabalhos o que se traduz em última instância em um amplo espaço de debate Pode se dizer que as coletâneas sucessivamente publicadas como resultado de cada concurso vêm refletindo o amadurecimento desse campo de estudos e nesse sentido pode se também reconhecer esta última coletânea como representando muito claramente tal amadurecimento

Sob um ponto de vista teórico em referência a uma trajetória de discussão que focalizou de início a mulher e que veio gradualmente absorvendo o conceito de gênero e de se notar nesta última produção a consistência da utilização da categoria gênero com a implicação plena de seu sentido relacional A sua operacionalidade aparece como devidamente testada através dos artigos que compõem o livro dando lhes a especificidade e a unidade que o título sugere mulheres sob a perspectiva de relações de gênero

Na visão das organizadoras colocada na apresentação do volume o campo de estudos de gênero conquanto tenha avançado e venha se consolidando apresenta ainda alguns problemas entre os quais se destacam a sua pequena capacidade de institucionalização a sua segregação num espaço próprio em relação às ciências sociais a resistência que existe a incorporação de suas conquistas teóricas e metodológicas no debate mais amplo de questões sociais Diante disso sugerem Cristina Bruschini e Bila Sorj que o mais importante no momento é lutar

para que a dimensão de gênero seja incorporada em todos os campos disciplinares e que nesse sentido o livro representa um passo importante justamente por trazer contribuições de tão variadas áreas disciplinares É também nesse sentido que endossando a opinião das organizadoras creio se poder falar do amadurecimento que este conjunto de trabalhos representa

Eis uma síntese do conteúdo desses onze trabalhos que cobrem as áreas de história sociologia antropologia educação literatura e psicanálise

Em Mulheres em Cargos de Comando Andrea Puppim mostra através do estudo de caso de uma multinacional a proporção mínima de mulheres ocupando cargos gerenciais mais altos a sua trajetória e as representações que os demais funcionários e elas mesmas têm de sua situação Ambiguidades e contradições marcam expectativas procedimentos e avaliações que as cercam apontando para uma distinção em relação aos seus colegas homens que embora negada no discurso e na política da empresa é visível e persistente nas práticas percebidas

Em Feminização do Trabalho Bancário Lílina Rolfsen Petrilli Segnini tomando como universo um banco estatal analisa a correlação entre mudanças que se fizeram necessárias nos serviços bancários e a alocação do trabalho feminino A atribuição de determinação dos tipos de tarefas e horários de trabalho as mulheres paralela a sua não qualificação para outros e baseada em critérios que as equacionam com o mundo doméstico perfazendo uma verdadeira transposição de códigos domésticos para a profissão

Tania Fontolan em A Participação Feminina no Tribunal do Juri analisando as listas de jurados da comarca de Americana SP ao longo de quatro décadas desde sua criação em 1954 revela níveis de exclusão sistemática das mulheres e dos pobres no caso do Juri Criminal bem como avaliações hierarquizantes sobre a atuação das mulheres e estratégias para lidar com sua emoção Enquanto os pobres são excluídos com base no argumento da sua incapacidade intrínseca as mulheres são e em particular as donas de casa com base nas restrições impostas por sua vinculação ao universo doméstico o que por outro lado sustenta a sua convocação majoritária para os juris de Economia Popular

A Mulher Universitaria codigos de sociabilidade e relações de gênero e o objeto de análise de Maria Helena Bueno Trigo que baseando se em material documental e entrevistas com alunos e professores da época mostra como surgiram novos codigos de sociabilidade entre aqueles que frequentaram os primórdios da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras criada junto com a USP em 1934. Mulheres pela primeira vez constituindo parte do alunado universitario e homens pela primeira vez fazendo um curso que não levava as carreiras tradicionais embora fundamentalmente inovadores eram também marcados pela ambiguidade entre novas e antigas praticas tendo atuado como iguais enquanto colegas hierarquizaram se ao entrar na vida profissional ficando as mulheres nos postos inferiores da academia.

Maria Candida Delgado Reis trata de Guardiãs do Futuro imagens do magisterio de 1895 a 1920 em São Paulo. Examinando documentos diversos da época entre os quais fotografias e processos administrativos compara a imagem idealizada das professoras com a realidade registrada nos processos e fotos. Mostra como o uso generico do masculino professores esconde diferenças entre homens e mulheres no exercicio da profissão e como tanto a imagem idealizada como as transgressões atribuidas as professoras guardam uma continuidade com os papeis tradicionais da mulher em sua associação com o espaço privado do domestico.

Marília Pinto de Carvalho trabalha a questão Educadoras e Mães de Alunos um (des)encontro com base na observação de duas escolas publicas e do Movimento Pro Educação (fundado em 1988 por mães de alunos) em São Paulo. Mostra como o modelo de maternidade total informa a visao de mães e professoras donas de um mesmo tipo de poder exercido apenas no âmbito do familiar e do privado levando as a disputa e a acusações mutuas em torno da responsabilidade sobre as crianças. As mães de alunos ao atuarem em quanto um coletivo no espaço publico são consideradas como invasoras na medida que tal atuação implica a transposição para a esfera publica de um poder que seria proprio da esfera privada.

Em Donas de Casa Artesãs e Tecnicas Guacira Lopes Louro e Dagmar E Meyer discutem o tema da escolarização do domestico analisando a partir de historias de vida de ex-alunas e documentos de época a educação desenvolvida durante três décadas em uma escola tecnica feminina fundada em Porto Ale

gre nos anos 40. A condição de gênero associada a de raça e classe marca uma inserção diferenciada das moças na escola onde mecanismos disciplinares garantem a concretização do que se entende como um ensino para mulheres no qual a formação para o lar se confunde com a formação tecnica conectando as esferas do domestico e do profissional.

Em Porta Adentro Criados de servir em São Paulo de 1890 a 1930 Maria Izilda Santos de Matos expõe as condições dos serviços domesticos nas cidades de São Paulo e Santos no periodo de intensa mudança pos Abolição. Cobrindo o universo domiciliar e intimo desvela as relações envolvidas no trabalho domestico focalizando aspectos etnicos e sobretudo de gênero. Paralelamente a descrição detalhada da gama de funções abrangidas nos serviços domesticos são mostradas as ambiguidades do vinculo entre patrões e empregados e a hierarquização dos serviços na qual as criadas mulheres aparecem como marcadamente desvalorizadas pela sua inserção que significa uma especie de hiperbole do domestico.

Em O Aborto no Judiciario uma lei que justiça a vitima Danielle Ardaillon questiona a criminalização do aborto analisando com base nas leis e em processos penais de Tribunais de Juri da cidade de São Paulo no periodo de 1970 a 1992 o tratamento dado pelo judiciario as mulheres que abortam. Mediante as brechas existentes entre a definição legal do aborto e as praticas relacionadas as muitas sutilezas implicadas na comprovação do que constituiria um crime de aborto e as ideias preconcebidas sobre o aborto e a sexualidade das mulheres acionadas pelos membros do judiciario nas diversas instâncias do processo o que se observa e uma total ambivalência em relação a questão expressa nos julgamentos recheados de retorica e baseados em **intenção** absolutoria ou condenatoria e em decisões de juris não propensos a condenar.

Em A Cena Incestuosa o problema da vitimização Renata Udler Cromberg desenvolve a partir de supervisões clinicas com psicanalistas e da referencia a casos clinicos uma argumentação sobre a terapia de mulheres (filhas) violadas sexualmente pelos parceiros de suas mães. Nesses casos embora se deva reconhecer a necessidade de punição legal do agressor a ajuda terapeutica a agredida não sera eficaz se esta for considerada meramente como vitima na medida que a situação e de enorme complexidade do ponto de vista psiquico. A internalização e erotização da propria violên

cia pode ser favorecida nesse contexto que envolve de um lado os constrangimentos sociais daquelas que vão buscar ajuda por terem sido violentadas e de outro as suas fantasias sexuais inconscientes

Susana Borneo Funck estuda *A Sexualidade nas Utopias Feministas dos Anos 70 na Literatura Norte Americana* a partir de cinco romances utópicos tomados como representativos nos quais a assimetria de gênero e resolvida ou pela eliminação total da diferença ou pela igualdade na convivência dos diferentes. Nessa utopia a identidade sexual deixa de existir ou é irrelevante a sexualidade não segue os modelos vigentes na sociedade ocidental contemporânea o poder se restringe apenas a um poder de escolha e todos são iguais. Diferentemente da chamada revolução sexual que não chegou a criar mudanças estruturais no padrão das relações humanas essas utopias feministas da década de 70 propõem uma prática libertária questionando relações de gênero e poder na área da sexualidade

Embora não tenham sido agrupados em blocos temáticos e possível entrever uma aproximação maior entre alguns desses artigos na ordenação do volume. De qualquer modo no conjunto da leitura vai ficando a sensação de que um texto remete ao outro com as questões sempre se correlacionado. Assim é que por exemplo ao lermos sobre as bancárias do artigo de Segnini voltam a tona as colocações de Puppim a propósito das mulheres em cargos de comando e o mesmo acontece quando nos aproximamos das donas de casa ausentes do juri no estudo de Fontolan e das primeiras universitárias em São Paulo estudadas por Trigo e das professoras na virada do século analisadas por Reis enfim de todas as categorias femi-

nas encarnadas nesses diversos estudos. A dimensão avassaladora do doméstico marca no as representações de gênero que levam as mulheres a se inserir na vida profissional da maneira que lhes cabe isto é pautadas por essa inescapável dimensão do privado. Nesse sentido também ressurge a propósito de cada tema o esforço extra que cabe as mulheres realizar para ocupar espaços tradicionalmente destinados aos homens

Se a questão das relações de gênero e o conector da coletânea como um todo corre em paralelo a questão das fronteiras nebulosas entre o domínio público e o privado no que diz respeito ao lugar social da mulher das ambiguidades e as contradições reveladas em relação aos diferentes casos estudados. São ambivalências e incongruências que como cada autora demonstra não decorrem dos casos e situações pesquisados mas de uma lógica que emana da sociedade o que o conjunto dos artigos torna ainda mais evidente. A riqueza dos textos consiste na demonstração das sutilezas envolvidas nos modos como tal lógica se atualiza em diversos contextos

Para além da questão das relações de gênero tão bem fundamentada e de se notar ainda o cuidado com que as autoras situam e referenciam cada tema especificamente em termos teóricos e metodológicos de tal modo que a leitura de *Novos Olhares* se torna ainda mais rica. É um título que faz jus a contribuição do livro remetendo aos novos olhares daquelas que são o objeto das pesquisas que originaram os textos como também aos novos olhares daquelas que realizaram as pesquisas

ROSANE M. PRADO ■

Da mulher ao Cyborg: os anos rebeldes

Tendências e Impasses o feminismo como crítica da cultura

HOLLANDA Heloisa Buarque de (org.)

Rio de Janeiro Rocco 1994 288 p.

Todos nós estamos falando da crise do conhecimento provocada pelo questionamento

pos moderno das grandes narrativas do Iluminismo. Sabemos que essa crise impacta de forma muito profunda o pensamento feminista. Como conciliar a luta feminista pelos direitos da mulher com a crítica pós-estruturalista a noções de identidade e de direitos calcadas no discurso humanista liberal? A confluência entre pós-modernismo e pós-estruturalismo acarretou profundo impasse para as teorias feministas principalmente no contexto acadêmico norte ame-

ricano Diante da facticidade da fragmentação dos discursos e do descentramento do sujeito da razão da história e da enunciação como continuar falando em nome do sujeito **mulher** e da utopia de uma **linguagem comum**?

Foi essa preocupação com o papel da linguagem e dos processos simbólicos na construção e representação da experiência da identidade e da realidade (preocupação esta que constitui o cerne das teorias pós modernas/pos estruturalistas) que marcou uma espécie de mudança paradigmática nas teorias feministas na última década. Estudos das estruturas sociais cedem lugar a leituras críticas das narrativas culturais na fabricação do *socius*. O olhar feminista volta-se portanto para o campo da cultura procurando entender como determinados **textos** são historicamente construídos e postos em circulação como estão permeados por relações de poder que invariavelmente passam relações não só de gênero mas também raciais étnicas sexuais de classe entre outras e como são constitutivos de valores. Dentro do marco desse paradigma linguístico do conhecimento e a luz da crise do sujeito a categoria **mulher** alicerce do feminismo se fragmenta em suas diversas construções através das várias modalidades da diferença desestabilizando radicalmente as tradicionais categorias analíticas das teorias feministas.

É nesse contexto dos debates feministas internacionais que podemos situar *Tendências e Impasses o feminismo como crítica da cultura*. Como o título sugere o que une os artigos agrupados nas três partes em que o livro se divide (Repensando a Diferença A Questão Nacional Impasses e Perspectivas) e cuja precedência nos leva a disciplinas como Literatura e História bem como a emergente área interdisciplinar dos estudos culturais e a crescente preocupação tanto acadêmica quanto política com a produção e circulação cultural dos significados de gênero em um cenário de confluência entre o feminismo anglo americano e o francês. A introdução de Heloisa Buarque de Holanda nos oferece um breve porém abrangente mapeamento dos caminhos da crítica feminista contemporânea no panorama internacional. O objetivo é não somente situar a leitora dentro das mais recentes tensões e contradições do pensamento feminista como também contextualizar cada artigo em relação aos processos de construção da diferença como categoria teórica e política. O que se busca é mostrar como essa diferença (juntamente com seus mecanismos de exclu-

são) estrutura as histórias que são contadas sobre a produção literária e artística das mulheres (Elaine Showalter) sobre a história literária tradicional (Ria Lemaire) sobre as teorias científicas acerca da variação humana (Nancy L. Stepan) e sobre os discursos da nação e da identidade nacional na produção literária da América Latina (Jean Franco Mary Louise Pratt Dons Sommer) (nas Partes I e II).

Ja na Parte III a diferença se multiplica a partir da proliferação dos níveis de indeterminado estruturados pelo pós-colonialismo (Gayatri Spivak) pela tecnologia do gênero (Teresa de Lauretis) e pelo circuito integrado do capitalismo mundial (Donna Haraway). Estes constituem as condições de possibilidade para entendermos o gênero a raça a classe a sexualidade e a própria alteridade enfim as diferenças como **efeitos** não como fatos *a priori* evidentes por si só fixos e imutáveis na História. Tais diferenças portanto deixam de habitar nossas ontologias e se transformam em posições políticas. O que os ensaios aqui reunidos nos mostram é que em vez de tentarmos (des)cobrir as diferenças devemos sim aprender a ler os processos de diferenciação. E como leituras são sempre feitas de forma oblíqua (isto é informa da por interesses específicos) são necessariamente parciais. É a partir desse contexto (parcial) de minhas inquietações teóricas atuais que gostaria de tecer a seguir alguns comentários sobre o conjunto dos ensaios aqui reunidos.

Em *A Crítica Feminista no Território Selva-gem* Elaine Showalter identifica quatro principais tendências atuais da crítica feminista (biológica linguística psicanalítica cultural) apontando problemas com os três primeiros modelos de diferença e recomendando a adoção do último o modelo da cultura da mulher por sua abrangência pois incorpora ideias a respeito do corpo da linguagem e da psique da mulher (p. 44) que ficam inscritas na sua produção literária.

Publicado pela primeira vez em 1981 no periódico *Critical Inquiry* o artigo de Showalter ilustra um momento já histórico nos debates feministas quando apesar do reconhecimento das diferenças a crença na existência de uma experiência coletiva unindo as mulheres e em um *locus* cultural preciso da identidade literária feminina (p. 51) contagiava significativa parcela de feministas. Com a crítica das mulheres de cor e *lesbianhood* feminismo cultural e as promessas de *sisterhood* e a luz dos ensaios teóricos da Parte III do livro vimos que tais termos e conceitos há muito deixaram de ser transparentes para o pensamento feminista. Dira

o mesmo a respeito de quaisquer classificações taxonômicas (os modelos de crítica feminista) ou cronológicas. Há a necessidade aqui de uma certa dose hermenêutica de suspeição. É o que Rita Lemaire propõe fazer em *Repensando a História Literária* apesar de ainda fundamentar seus argumentos em modelos extremamente homogêneos de culturas masculina e feminina e heterogêneos entre si, simplificando por assim dizer a própria história cultural.

Utilizando Foucault e a historiografia feminista, a autora mostra claramente as exclusões que a história literária tradicional, definida em termos patrilineares, perpetra. Primeiro, há uma negação do impacto das estruturas sociais e das ideologias na construção da tradição literária. Seria interessante ressaltar aqui a guisa de curiosidade, o que análises da relação entre gênero e gênero e entre autoria e autoridade são capazes de revelar. Segundo, há o predomínio da perspectiva escritocêntrica em detrimento da oralidade no cânon da cultura ocidental quando uma elite intelectual sacraliza obras escritas e marginaliza as das tradições orais das culturas populares nativas. O interesse informando tal estratégia era o de ampliar a distância entre o povo e a elite () entre mulheres e homens (p. 63). Ironicamente, um outro texto de cunho oral que foi recentemente **canonizado** (e faz parte agora do currículo de Humanidades de muitas universidades norte-americanas) é a história de vida de Rigoberta Menchú¹ na qual essa líder indígena guatemalteca e ativista dos direitos humanos, alem de ganhadora do Prêmio Nobel da Paz de 1992, faz observações críticas a respeito das várias hierarquias construídas em torno da dicotomia escrita/oralidade, salientando como estas operam também para separar raças e etnias e não somente os gêneros. Por outro lado, devemos nos perguntar até que ponto a canonização de literaturas e gêneros ex/cêntricos não estaria sinalizando a emergência de uma preocupante ética da marginalidade, na qual a celebração, pos-moderna, da categoria **marginal** acaba por fazer com que a mesma perca seu potencial crítico².

¹ BURGOS Elizabeth. *Meu Nome é Rigoberta Menchú e Assim Nasceu Minha Consciência*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

² Para maior elaboração desse ponto, ver o ensaio de George Yudice, *Marginality and the Ethics of Survival*. In: Ross Andrew (org.), *Universal Abandon?* Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988, p. 214-36.

Da mesma forma que a escrita distanciou a elite do povo, o homem da mulher estabeleceu desigualdades entre esses polos. O discurso das ciências biosociais sobre o desenvolvimento humano nos séculos XIX e XX, através do emprego de analogias e metáforas entre raça e gênero, acabou por reforçar cientificamente tais desigualdades e diferenças. O ensaio de Nancy Stepan e um minucioso e contundente estudo da relação entre linguagem e processos de representação, por um lado, e a produção do saber no contexto mais amplo das estruturas sociais, por outro, para a autora, os *tropos* linguísticos acima assinalados não são apenas auxílios psicológicos para a descoberta científica ou esquemas heurísticos, mas elementos constitutivos da teoria científica (p. 73). Não é tanto a novidade do argumento, mas o detalhamento e a clareza dos exemplos unidos às explicações antropológicas que fazem deste ensaio um alerta aos recentes controvérsos e politicamente perigosos discursos veiculados na mídia, por exemplo, sobre diferenças sexuais no cérebro e diferenças raciais em coeficientes de inteligência. Uma vez que a diferença se aloja na biologia, ela se transforma na marca indelevel do gênero ou da raça, ou da sexualidade, ou de todas essas coisas, dando vazão às mais variadas intervenções políticas e outras. Daí a importância premente de trabalhos como o de Nancy Stepan e poderia aqui também citar os de Donna Haraway.

Na Parte II (*A Questão Nacional*), volta ao nosso olhar para a relação entre nação e narração e o lugar que as representações de gênero ocupam nesse campo semiótico das narrativas nacionalistas. Jean Franco (*Sentido e Sensualidade: notas sobre a formação nacional*), Mary L. Pratt (*Mulher, Literatura e Irmandade Nacional*) e Doris Sommer (*Amor e Patria na América Latina: uma especulação alegórica sobre sexualidade e patriotismo*) nos tram, através de um *close reading* metucioso dos diferentes textos da América espanhola, tomando em consideração o (con)texto mais amplo das preocupações políticas e econômicas, o papel ambíguo que a mulher desempenhou na construção da identidade nacional. Aqui temos um movimento inverso no que tange a questão da identidade e da diferença. O projeto que norteava as narrativas nacionalistas, como afirma Jean Franco³, era justamente

³ Introduction. In: *Plotting Women: gender & representation in Mexico*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1989.

o de converter a heterogeneidade racial dos territórios em uma nação moderna e homogênea. A importância desses ensaios para as teorias feministas está na relação que estabelece entre textualidade e práticas políticas entre a instituição da literatura e a economia e entre o patriarcado e a nação.

A Parte III desta coletânea (Impasses e Perspectivas) contém ensaios que contribuíram significativamente para uma espécie de ruptura epistemológica nas teorias feministas. Os três artigos analisam a questão da especificidade do sujeito do feminismo posicionado de forma contraditória e múltipla nos descontínuos espaços sociais estruturados pelo capitalismo internacional e pela informática da dominação.

Gayatri Spivak em *Quem Reivindica a Alteridade?* reflete utilizando-se de noções como escritura e leitura sobre o sujeito da historiografia alternativa. Mostrando as complexidades da relação dessa figura com a produção acadêmica, a autora alerta nos para que examinemos como (esse sujeito) está **escrito** em vez de simplesmente ler sua máscara como uma verdade histórica. (p. 188) Teresa de Lauretis emprega a noção foucaultiana de tecnologia para analisar o sujeito do feminismo a mulher, criticando a maneira como o pensamento feminista tem até então atrelado o gênero a uma desgastada economia da diferença sexual. Para a autora, essa visão do gênero nos impossibilita articular as diferenças entre mulheres e Mulher, isto é, as diferenças entre as mulheres ou talvez mais exatamente as diferenças nas mulheres. (p. 207) O sujeito do feminismo pelo contrário, está constituído pelo movimento para dentro e fora do gênero como representação ideológica () movimento de vaivém entre a representação do gênero (dentro do seu referencial androcentrico) e o que essa representação exclui, ou mais exatamente, torna irrepresentável. (p. 238)

Se para De Lauretis o sujeito do feminismo é em parte irrepresentável para Donna Haraway, ele é irreconhecível. Originalmente publicado em *Socialist Review* nº 80 em 1985 (e não em *Resistance Literature* de Barbara Harlow, como consta na nota de rodapé) nesses dez anos de vida, *Um Manifesto para os Cyborgs* já circulou por dezenas de antologias com apenas pequenas revisões, provocando as mais variadas reações entre um sem número de feministas. Aqui Haraway através de linguagem inovadora e riquíssima em imagens pós-modernas (ler seu ensaio nos dá a sensação de estar nos assistindo a um videoclipe da MTV!)

reconfigura o sujeito do feminismo como um Cyborg, que e na verdade um mito (parte real, parte imaginário). Para a autora, a mulher como sujeito transparente do feminismo da década de 70 desaparece com a emergência do Cyborg, organismo cibernético híbrido, uma criatura ligada não só à realidade social como à ficção, uma quimera, transgressor de dualismos, pois ele é capaz de dar conta do corpo fragmentado da pós-modernidade e de articular uma política alternativa sensível à nova sociedade dos sistemas polimorfos de informação.

É interessante examinar as conexões entre os três ensaios. Em todos eles, o sujeito do feminismo perde irremediavelmente sua inocência e transparência, adquirindo uma subjetividade mais complexa, volátil e móvel, moldada a partir dos múltiplos registros sociais e culturais. Em todos eles há a chamada para uma política que responda diretamente à problemática do capitalismo global. O que os diferencia, contudo, são as propostas de intervenção que fazem (ou não) tácita ou abertamente.

O ensaio de De Lauretis abre um espaço por demais grande entre, por um lado, a mulher como excesso na ordem simbólica da cultura patriarcal e, por outro, a mulher como sujeito historicamente situado. Falta-lhe aqui fazer o que Spivak se propôs desde o início, ou seja, entender o sujeito fragmentado da pós-modernidade à luz do capitalismo multinacional.⁴

Ao longo de sua produção acadêmica, Spivak busca explicitar a historicidade das subjetividades e o papel da crítica feminista no contexto internacional. Para isso, estabelece complexas relações (descontínuas) entre práticas acadêmicas e o circuito do capitalismo entre a mulher no Primeiro Mundo e no Terceiro, entre o colonial e o pós-colonial, mostrando como essas descontinuidades geram diferenças. Estas, por sua vez, contribuem para a construção de um sujeito idealizado da historiografia alternativa, à custa da obliteração dos sujeitos neo-coloniais (e as mulheres nas zonas francas do Terceiro Mundo). O problema que tem sido ressaltado a respeito da postura política e teórica da autora é que as aporias entre as mulheres (do Primeiro e do Terceiro Mundos) da

⁴ Vale dizer que, em seu trabalho posterior, De Lauretis repensa esse espaço, voltando-se a partir das críticas de mulheres de cor e lésbicas ao feminismo, para análises mais materialistas das práticas discursivas, onde o gênero deixa de ocupar o lugar privilegiado que ela ainda lhe concede no artigo em questão.

elite e da classe subalterna) adquirem um caráter tão avassalador que ameaçam qualquer tipo de prática articulatória de construção de alianças. Quando vejo como acadêmicas (do Primeiro Mundo e da elite do Terceiro) e ativistas (do Terceiro Mundo) trabalham juntas em diversos movimentos sociais **apesar das distâncias** e dos interesses e investimentos institucionais de cada uma sinto-me bem menos melancólica e mais próxima ao Cyborg. Porém nem tanto.

A celebração da narrativa heteroglossica e a confusão de fronteiras do Cyborg – fontes de seu prazer – tendem, como observa eloquentemente Susan Bordo⁵, a obscurecer o fato de que narrativas e a fabricação de histórias são localizadas, limitadas, parciais e sempre carregam consigo investimentos pessoais. Daí a necessidade de caminharmos com mais cautela rumo à heterogeneidade instável, pois infelizmente o poder ainda opera com irritante monotonia através dos velhos dualismos, o que limita a eficácia do Cyborg como transgressor dos

dualismos. Quem sabe não seria melhor e mais produtivo como estratégia feminista se, em vez de ficarmos imaginando Cyborgs, não nos ocupassemos de duas tarefas: Primeiro, de cuidadosa reflexão e análise do lugar que ocupamos em nossas teorizações e intervenções políticas (relevante aqui seriam questões sobre subjetividade, representação, tradução cultural, da diferença etc.) e segundo, em traçar paralelos entre esse lugar e o contexto mais amplo das instituições que queremos transformar. Entraríamos aqui com análises das estruturas sociais e seu papel nas relações de dominação na economia global. Mas, enfim, estamos nada mais que falando de um manifesto do Cyborg como utopia e do mundo como texto codificado pela informática da dominação. Não creio que haja consenso sobre a questão de quão perto ou quão distantes estamos deste mundo pós-gênero, pós-feminista, pós-tudo. O livro organizado por Heloisa Buarque de Hollanda pretende apenas nos mostrar as tendências e os impasses nessas discussões. E diga-se de passagem, já faz muito.

⁵Feminism, Postmodernism, and Gender Skepticism. In: NICHOLSON, Linda J. (org.) *Feminism/Postmodernism*. Nova Iorque: Routledge, 1990, p. 133-56.

CLAUDIA DE LIMA COSTA ■

Propostas revolucionárias

O Melhor de Carmem da Silva

CIVITA, Laura Taves (org.)

Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1994.

Quando Carmem da Silva começou a escrever artigos mensais na revista *Claudia* em 1963, entre receitas culinárias, modas e bordados, e segredinhos para prender o marido, o feminismo era ainda uma ideia fora do lugar. Senão, no mundo inteiro, pelo menos no Brasil, onde ganhava contornos de piada de mau gosto, impregnando de ridículo tudo o que se dizia e fazia em seu nome. Carmem não se intimidou e foi fundo ao ponto. A partir do diálogo com as leitoras, que logo começaram a lhe mandar cartas, expôs conflitos, expôs tensões, expôs emoções, expôs desesperos. Leu

nas entrelinhas o que a surdez precoce a impediu de ouvir em consultas psicanalíticas para as quais se habilitara por formação: a angústia das mulheres no momento histórico em que um mundo em transformação lhes exigia novas posturas diante da vida, enquanto a imagem secular do ideal de feminilidade, esculpido pela História e pela Ciência, as aprisionava a velhos padrões de comportamento, decalcando-lhes os destinos em modelos tão coercitivos quanto ultrapassados. Culpa, medo, ansiedade, confusão, indecisão, ambiguidade. Carmem **ouviu** tudo isto nas cartas, os ditos e os não ditos. Soube devolver-lhes de forma organizada e precisa todo um material feito de pura subjetividade, traduzindo com argúcia e paciência a complexidade da vida emocional, achando as palavras certas que qualquer uma entenderia. Com isso ajudou suas leitoras a soletrar o beabá do feminismo, iniciou-as sem que elas percebessem em uma nova leitura do mundo e das relações humanas.

As leitoras confusas difusas assustadas resistentes arredias curiosas descontroladas mergulharam com ela e através dela em sua redescoberta pessoal na reconstrução da identidade perdida pisoteada pelos acontecimentos atropelada por outras emergências da História e da Ciência claudicante em suas buscas e intenções. Muitas incontáveis foram aquelas que anos mais tarde vieram a público para apontá-la com carinho e gratidão como a estrela guia do caminho percorrido.

Por 13 anos Carmem não falou de feminismo em seus textos. Ainda uma vez assim como o psicanalista não precisa acionar a teoria freudiana para devolver ao paciente o que ele lhe comunica nas sessões de análise Carmem não precisou por muito tempo recorrer a pressupostos teóricos ou ideológicos para restituir a suas leitoras o implícito e o explícito em cada uma das cartas que recebia. Que embora individuais revelavam cada vez mais a existência senão de um movimento pelo menos de um **sentir** coletivo. Lendo em ordem cronológica seus artigos vamos percebendo como eles se tornam mais ousados com o correr do tempo como vão creditando a suas interlocutoras o crescimento necessário para receber questionamentos mais fundos cobranças mais energéticas de abandono da auto complacência em nome da assunção de novos papéis de novos valores de novas atitudes. Como ela própria diz no artigo em que comemora os 16 anos de sua coluna. Começamos a dialogar numa época em que ainda imperava a pieguice o querida amiga usado como preâmbulo meloso a mensagem convencional a defesa dos valores estabelecidos porque sim sem nenhum exame crítico. Há 16 anos estamos aqui debatendo problemas espicaçando nos estimulando nos apoiando nos ajudando nos mutuamente a crescer. Obra de mutirão não conheço outra mais bonita.

O Melhor de Carmem da Silva lançado no final de 1994 pela editora Rosa dos Tempos traz uma coletânea dos textos da autora nos 22 anos em que escreveu para a revista *Claudia*. Laura Taves Civita organizadora da edição pediu a sua filha jovem herdeira de um feminismo de que cada vez menos gente e gente cada vez menos significativa ainda ri que escolhesse entre todos os textos aqueles que pudessem ser considerados atuais e palatáveis as novas gerações.

Afinal Carmem morreu há dez anos e as mulheres que hoje vivem a juventude e o início da maturidade nem sempre se lembram de

que certas vantagens das quais hoje se beneficiam custaram a suas predecessoras caminha das longas e acidentadas.

É com indescritível emoção que encontro entre os artigos selecionados A Protagonista cuja leitura a época em que foi publicado modificou todo o percurso de minha existência da mesma forma que o fez com tantas outras mulheres de minha geração. Releio o agora e me surpreendo com sua contemporaneidade uma lição de vida para mulheres para homens para pessoas. Porque embora se dirigisse fundamentalmente às mulheres o que Carmem pregava era a liberdade de todos os seres humanos em seu inalienável direito de escolha. A protagonista de sua própria vida opta resolve e conquista a partir de si mesma isto e conta com um centro de gravidade interno um eixo em redor do qual giram suas decisões e seus atos. Este eixo o eu. Não um eu miragem um eu fantasia arbitrariamente inventado a medida de nossos devaneios mas um eu real isto é um conjunto de necessidades aspirações possibilidades e limitações avaliadas com o máximo de honestidade e aceitas com o máximo realismo.

Os assuntos que desfilam nos 36 artigos selecionados por Julia Tavares são aqueles que em todos os tempos constituíram o epicentro da vida biológica social e emocional das mulheres o amor a sexualidade o casamento a infidelidade a maternidade em todas as suas dimensões inclusive em sua negação pelo aborto provocado as relações com o trabalho seja ele doméstico ou fora de casa a difícil auto estima para além da beleza enfim conteúdos das em dias que não vão tão longe ridicularizadas conversas de mulher. Saem da vida cotidiana da rotina do dia a dia da intimidade das relações tão próximas e interdependentes quanto mal resolvidas. E reáparecem focalizados de outro ponto de vista iluminados pelo belo tom literário da escritora pelo comentário crítico e bem humorado de uma mulher de bem com a vida pela seriedade de suas análises que não escondem a erudição pelo conhecimento a fundo e na pele da observação densa dos sentimentos femininos pelo brilhantismo das ideias de quem viveu pelo menos 30 anos antes de seu tempo.

Houve tempo em que as feministas falaram de igualdade de direitos e confundiram esta reivindicação com a de igualdade de comportamentos entre os dois sexos. Se as mulheres nos espaços tradicionalmente masculinos no mercado de trabalho na política no mundo acadêmico logo se revelaram tão

competentes quanto os homens por que não exigir que eles fizessem o mesmo que migrassem em direção aos espaços femininos da existência quase todos eles circunscritos a vida privada?

Hoje as feministas já revêem essa postura e longe de clamar por igualdade exigem mais que nunca o respeito a diferença que orienta o lugar de cada um dos sexos no discurso da cultura. Diferença que confere as mulheres singularidades e privilégios de que nenhuma delas quer abrir mão.

O artigo intitulado *A Emoção da Mulher. A Razão do Homem. Um Eterno Conflito* revela com clareza cristalina a reconstituição do processo que **fabrica** homens e mulheres a imagem e semelhança de outros homens e de outras mulheres marcando cuidadosamente as diferenças para além do biológico.

E assim o discurso emocional o mergulho no plano do psíquico do íntimo desde a infância e vedado ao homem que quer se parecer homem. Ninguém lhe ensina essa linguagem ninguém lhe aponta as vantagens de aprendê-la muito pelo contrário. Exceto algumas poucas sensibilidades privilegiadas - poetas artistas em geral - os homens julgam que so o discurso intelectual racional lógico condiz com a masculinidade. E sentem-se bastante incomodados quando as mulheres tentam levá-los a dialogar noutro tom.

Mais adiante

À mulher por sua vez caberiam as virtudes da intuição da sensibilidade do altruísmo a tendência maternal a nutrir cuidar proteger e dedicar-se o espírito de sacrifício enfim a predominância dos interesses afetivos sobre quaisquer outros. Este preconceito mutilador reduz cada sexo a meia pessoa um assumiria o gesto a outra a linguagem um o intelecto a outra o sentimento um a lógica a outra a intuição. Temos de reconhecer contudo que nesta divisão arbitrária o quinhão concedido a mulher embora socialmente mais desvalorizado humanamente e o mais complexo e rico.

Para quem queira entender não o que foi mas o que é o feminismo naquilo que ele tem de mais profundo e essencial e revisitar as mais revolucionárias propostas que ele foi capaz de impor a última metade do século XX a leitura desse livro é obrigatória. Deliciosa obrigação que nos leva a passear pelo cotidiano das mulheres no momento mesmo em que ele começa a ser percebido questionado ameaçado e reconstruído. Trata-se sem dúvida do melhor capítulo de memórias do feminismo no Brasil que alguém poderia escrever.

MARISKA RIBEIRO ■

Uma pobre vida sexual a três

Memórias de uma Moça Mal Comportada A verdade sobre o triângulo amoroso entre a autora Sartre e Simone de Beauvoir

LAMBLIN Bianca (Tradução de Zélia Brosson)

Rio de Janeiro Record 1994

Bianca Lamblin consegue articular sua autobiografia com os fatos históricos e biográficos dos dois monstros sagrados que dominaram a vida intelectual francesa do pós-guerra Sartre e Beauvoir - como diz a nota da editora

Seu livro responde a publicação *post mortem* da correspondência mantida entre Beauvoir e Sartre (*Lettres a Sartre* Gallimard 1990 tomo I) enquanto este se encontrava detido durante a ocupação alemã da França na II Guerra. O título escolhido já bastante significativo e um jogo de palavras com a autobiografia de Beauvoir intitulada *Memoires d'une Jeune Fille Rangee* (Memórias de uma Moça Bem Comportada).

Lamblin dá várias justificativas a necessidade de responder a essa publicação uma delas as inverdades encontradas nos textos lidos 40 anos depois de escritos quando descobriu que aquela que amara toda a sua vida havia constantemente enganado. Lendo as cartas descobriu despeito ciúme mesquinha hipocrisia vulgaridade.

Nessas cartas Beauvoir refere-se com frequência sob o pseudônimo Louise Vedrine a Bianca Lamblin com quem manteve intensa amizade antes e após o fim do triângulo amoroso que existiu entre elas e Sartre

Lamblin hoje vivia com duas filhas refere-se a essas amizades amorosas ora como apogeu de sua felicidade ora como o drama de sua vida. Drama esse que ressuscitou com a leitura inesperada das cartas editadas por Sylvie Le Bon (filha adotiva de Beauvoir). Bianca obteve do casal a promessa de nunca se referir a ela em suas publicações

Quatro anos após a morte de Simone de Beauvoir 1990 representou um marco uma forma de repetição cinquenta anos mais tarde do desmoronamento de 1940 () uma imensa tristeza uma decepção tão radical que senti asco descobrindo qual era a verdadeira personalidade daquela que eu havia amado tanto em toda a minha vida. Uma cólera redentora ergueu-se em mim permitindo-me emergir do meu estupor apagando minha timidez e tudo o que me havia até então imobilizado

Bianca Lamblin vai além consegue refletir e elaborar as relações entre sua memória e a História não se limitando a descrever fatos. Ela relata como uma adolescente francesa de origem judia polonesa viveu sua vida como viu seu mundo os seus seus amigos e contemporâneos e ao mesmo tempo situa esta aventura individual na aventura do século e do seu país. Mais ainda tece uma trama no texto um novo jogo de perspectivas que faz com que ao mesmo tempo ela se conte e se situe. Sujeito e objeto de sua autobiografia a escritora se observa num espelho com olhos bifocais

O livro percorre esses anos da amizade entre Lamblin e Beauvoir que incluem a II Guerra durante a qual ambas estiveram afastadas por um longo período o que Lamblin atribui a sentimentos de egoísmo diante dos problemas na ocupação alemã decorrentes do fato de ser ela judia

Descobri que Simone de Beauvoir caçava nas salas de aula a carne fresca feminina que experimentava antes de largá-la ou para dizê-lo mais grosseiramente ainda atirá-la a Sartre () De fato eles repetiam com vulgaridade o modelo literário de *As Ligações Perigosas*

Lamblin dedica vários capítulos ao amor que desabrocha entre ela e seu colega de estudos Bernard Lamblin. Devo dizer que esse beijo me emocionou bastante. Era um genuíno

convite ao prazer com um rapaz de minha idade de perspectiva que me tirava agradavelmente de minhas relações complicadas e dolorosas com Sartre e o Castor () na verdade coabitavam em mim a magoa devida ao meu abandono e o despertar de um novo amor

Bernard e ela aliaram-se ao movimento da Resistência e o texto de Lamblin ao revelar esse cotidiano cheio de angústia e dramas de uns e outros contribui para a compreensão de um período da história da França e afinal da humanidade. E por ocasião da prolongada doença e morte de Bernard em 1978 afirma: Nosso amor tinha crescido e se aprofundado ao longo desses anos. No entanto perpassa seu texto inteiro que o acontecimento marcante em sua vida foram os quatro anos de intensa ligação com Beauvoir e Sartre e após o fim da guerra o retorno à amizade com Beauvoir até a morte desta em 1986

A segunda razão que a levou a escrever essa resposta foi a biografia de Beauvoir por Deirdre Blair publicada nos Estados Unidos (*Simone de Beauvoir* Fayard 1991) onde esta foi mais longe em suas indiscrições fornecendo no texto e no índice do livro seu nome de solteira Bienenfeld e o de casada Lamblin. Não podia mais suportar a posição de objeto passivo do qual os biografos e panfletários se compraziam em descrever os traços. Eu queria enfim ser o sujeito que relata o que viveu e não mais apenas um objeto para os outros

A história de vida de Lamblin filha de imigrantes de origem burguesa mas judeus poloneses explica muitos de seus confrontos com a maneira de pensar do casal Beauvoir/Sartre originários de famílias burguesas da França. Quando veio para a França seus pais fugindo da perseguição anti-semita tinha três meses. Seu pai médico formado em Viena se estabeleceu como comerciante em perolas finas. Isso permitiu à família uma ascensão econômica apesar da grave doença da mãe internada durante alguns anos em um sanatório em Suresnes quando as duas filhas foram entregues às governantas. Sua educação religiosa foi nula. So nas visitas as avós presenciava alguma tradição cultural judaica sentindo-se portanto uma francesa igual às companheiras. Foi bem tarde quando tinha dez anos no pátio do Liceu Molière que fiquei sabendo por um insulto cuspidado contra mim que eu carregava uma identidade particular. Voltei para casa e perguntei à minha mãe o que significava judia suja

Aos 16 anos Lamblin ingressa na primeira série do correspondente ao nosso antigo curso

Colegial e descobre a paixão pelo mundo das ideias da filosofia personificadas na nova professora Simone de Beauvoir 14 anos mais velha

Estávamos todas excitadas com a ideia de nos deparar com esta bela e jovem mulher () a inteligência de seu olhar de um azul luminoso nos tocou desde o início () eu estava fascinada tanto pela professora quanto pelos problemas de filosofia que ela nos expunha o conjunto me parecia uma espécie de revelação Ela sabia tantas coisas sobre assuntos tão fecundos e para nós ainda inéditos () Para ela só a inteligência tinha valor Como julgava que eu a possuísse em alto grau além de ser a melhor aluna da turma tive direito a sua atenção

Envia então a Beauvoir uma pequena carta sobre seu gosto pela filosofia e admiração por ela e daí em diante encontraram-se quase todos os domingos Minha impaciência em chegar ao final do trajeto era tão grande tão violenta que não creio ter jamais experimentado de outra de uma tal intensidade em toda a minha existência

Percorriam as ruas de Paris seus museus praças e arredores confidenciando suas histórias de vida Lamblin se chocava com frequência com certas formas de vida e amor das amigas descritas por Beauvoir

O tempo de Beauvoir era disposto como uma colcha de retalhos mas de maneira rígida As horas concedidas a uns e outros permitiam de algum modo medir o grau de afeição e interesse que ela lhes atribuía Os encontros se sucediam () mas os seus diferentes amigos se encontravam raramente Refletindo mais tarde sobre essa questão percebi que era por aí que se situava também a rispidez que lhe era própria e que funcionava como uma linha de defesa protegendo sua vida Essa vida fragmentada tornava-se insuportável para Lamblin pois fazia desaparecer toda a espontaneidade nas relações de amizade

Como não podia deixar de ser já que o livro e uma resposta às referências feitas por Beauvoir a ela em suas cartas a Sartre Lamblin dissecava com frequência atingindo a fundo a personalidade de Beauvoir e Sartre buscando nos romances dela quase sempre construídos com personagens e fatos de sua vida real respostas e esclarecimentos a sucessões dos acontecimentos que envolveram os três

Questionando-se sobre a sexualidade de Beauvoir seus jogos amorosos espanta-se ao descobrir que pouco ou nada a respeito encontra em *La Force de l'Âge* Ao passo que nas cartas a Sartre descobre o oposto quando

se trata de desvendar a intimidade dos outros Beauvoir diz tudo sem nenhum pudor com maior luxo de detalhes às vezes escabrosos Ela cede até a tentação de enfeitar de aumentar de modo a alimentar as fantasias do destinatário pobre soldado privado das boas coisas do sexo

E prossegue sobre Sartre Dizia-lhe eu que Sartre era um amante mediocre () ela aqueceu-me imediatamente admitindo que ele era pouco talentoso nesse assunto () Foi com Algren seu amante americano que Beauvoir descobriu pela primeira vez o amor foi ele quem a revelou a si mesma (Algren é descrito como Lewis Brogan em *Les Mandarins*)

Resumindo Lamblin diz que a vida sexual de Beauvoir com Sartre era pobre Ele manteve inúmeras amantes durante toda a sua vida ameaçando até casar-se com uma delas ao passo que ela relata poucos amores masculinos (Algren e Bost os mais significativos) e da pouca atenção a suas relações femininas Há via entre o casal quase um pacto fornando-se um para o outro uma referência fundamental de ideias e apoio Beauvoir os descrevia como um casal morganático

Retomando sua vida Lamblin conta como seus passeios de bicicleta e a pé com mochilas foram consolidando uma paixão por Beauvoir e aumentando seu entusiasmo pela filosofia

Nossas relações eram ternas mas não carnavais Durante uma aventureira viagem ao Morvan em um misero albergue onde não havia quase nada para comer e o banheiro era o campo aberto Lamblin anota foi durante essa viagem que começamos ainda tímida-mente nossas relações físicas () no dia seguinte no ônibus que nos trazia de volta a Paris nossas mãos ternamente enlaçadas pareciam chocar alguns passageiros

Mais tarde a própria Beauvoir instigou para que se encontrasse com Sartre a pretexto de discutir suas teses do *L'Imaginaire* Daí a alguns meses Lamblin deixa-se seduzir por seu charme sua inteligência e sua gentileza Não prestava mais atenção a sua feiura

Por outro lado afirma que persistiu sua paixão por Beauvoir Sua primeira relação com Sartre foi de uma vulgaridade patente quando se dirigiam ao hotel onde ele morava disse-lhe A camareira do hotel vai ficar bem surpresa porque ontem já tirei a virgindade de uma outra moça Lamblin prossegue O fato de que eu não tenha reagido a uma tal molecagem permanecera para mim como um eterno motivo de pasmo como também o

fato de que Sartre tenha recorrido a esse expediente para me abordar

Em 1939 chega a guerra e mais grave que a guerra a ocupação alemã com as perseguições em particular aos judeus. Isto atinge profundamente Lamblin sem que Beauvoir ou Sartre compreendam sua ansiedade. O medo por si por familiares e amigos frente as constantes ameaças de deportação começaram a distancia-la da alienação que sentia no casal.

As cartas de Sartre nesse verão 1939 são escritas num tom protetor insuportável () havia portanto entre nos um grave mal entendido ele sabia que eu estava muito amedrontada pelo que se preparava e pelo que me esperava assim como todos os judeus () mas a prova mais evidente da indiferença deles reside simplesmente no fato de que um e outro romperam comigo e cessaram de me amar nesse ano de 1940 em que tudo desabou.

Esta relação amorosa entre eles que prosseguiu por cartas durante a detenção dele (minha querida polonesa meu amor) terminou com uma carta abrupta e rude de Sartre encerrando a relação de forma definitiva deixando-a em estado de profunda depressão. A luz desses fatos pode se melhor compreender seu choque ao descobrir 50 anos depois pelas cartas de Beauvoir a Sartre como esta o manipulava para que ele rompesse comigo fazendo o desgostar progressivamente de minha pessoa. As razões que levaram Beauvoir a isto ficam obscuras. Cumes? Desinteresse por ela? Medo de recomeçar a vida a tres depois da guerra?

Esse afastamento de Beauvoir de Lamblin não impediu que terminada a guerra retomasse sem sua amizade já em um outro nível. Em parte segundo Lamblin pela identificação política entre elas em relação aos problemas da Argélia. Pode se indagar ou se surpreender com razão que eu tenha me atraido de novo a uma relação com ela () ora acontece que era contra Sartre que eu havia guardado o maior rancor.

Tentei transmitir o essencial contido neste livro de Bianca Lamblin mas e difícil dado o grande numero de biografias e escritos sobre o casal Beauvoir e Sartre deixar de lado algumas reflexões significativas de outras biografias. Concluo com o final do livro de Toni Moi *The Making of an Intellectual Woman* Oxford UK Blackwell 1994 p 256.

Simone de Beauvoir com seu exemplo pioneiro abriu caminho as mulheres para serem levadas a serio e amadas como intelectuais e como mulheres () não deve nos surpreender que ela também assim como todas nos vivesse dividida pelas contradições da sociedade patriarcal () Quando me dou conta do seu esforço para obter autonomia e independencia admiro ainda mais suas realizações. Admirar no entanto não e adorar. Não precisamos ser perfeitas. Simone de Beauvoir nos ensina isso simplesmente não devemos desistir. Para mim isto e um consolo e uma corajosa e ousada perspectiva.

DANDA PRADO ■

Imagens com lugar na História

Mulheres Honestas, Mulheres Faladas uma questão de classe

PEDRO Joana Maria

Florianópolis Editora da UFSC 1994

Na produção historiografica sobre mulheres realizada no Brasil ha uma preocupação crescente em historicizar as **relações de gênero**. A reconstrução do passado num olhar aten-

to a operação das diferenças visa cada vez mais desnaturalizar a categoria **mulher**.

O livro de Joana Maria Pedro de agrada velleitura apresenta um material extremamente rico. A autora trabalha com as concepções sobre a feminilidade presentes em Desterro/ Florianópolis no final do século XIX e inicio do XX baseando se sobretudo nas imagens idealizadas que os jornais da cidade divulgaram no periodo 1880 1923 e mostrando a importância destas definições de feminilidade para a constituição de novas configurações de elite. Essas imagens associadas ao **comportamento** ideal

das mulheres das elites são confrontadas com as praticas femininas desenvolvidas ao longo des se periodo por mulheres de diversas classes sociais

Mostrando a importancia da historia local para uma historia das mulheres no Brasil a analise dos documentos revela o caracter de **construção** das imagens femininas apontando para a **pluralidade** das experiencias femininas Neste sentido *Mulheres Honestas Mulheres Faladas* uma questão de classe soma se a literatura que com crescente grau de profundidade procuram não apenas dar visibilidade as mulheres mas contribuir para uma historia das relações de genero

No livro o trabalho de desnaturalização esta associado a permanente preocupação por dotar de historicidade as imagens femininas apresentadas pelos jornais A autora procura compreender os sentidos dessas imagens realizando uma seria operação de contextualização Explorando as pistas oferecidas pelo entrecruzamento de documentos presta atenção as temporalidades associadas a essas imagens No que se refere especificamente as imagens femininas que aparecem nos jornais particularmente *O Jornal do Comercio O Republica e O Dia* sua preocupação e observar os momentos em que elas foram focalizadas com maior veemencia compreendendo como estes momentos se inserem na historia local Desta maneira a apresentação das imagens femininas veiculadas pelos jornais esta inserida numa cuidadosa reconstrução da historia social de Desterro/Florianopolis

As imagens de mulher que aparecem em crônicas noticias piadas proverbios e quadrinhas imagens de seres universais que não possuem classe social cor ou cultura especifica são interpretadas no marco dos reordenamentos sociais locais A autora presta atenção as diferenças e continuidades nas imagens publicadas ao longo do periodo trabalhado e relacionando sua proliferação e suas modificações com os diferentes momentos politico sociais as associa a delimitação das distinções entre familias As imagens idealizadas de mulher acompanham nos jornais cada passo das disputas locais em diferentes momentos do periodo critico que se inicia com a Proclamação da Republica ate os primeiros anos do seculo XX Segundo a autora estas imagens explicitaram a preocupação com o comportamento das mulheres ponto chave no processo de exclusão dos grupos que disputavam o poder local Isto porque a honra feminina fundamental para a honra familiar podia excluir a familia da arena politica

Em um dos capitulos mais interessantes do livro (*Consolidação da Elite Politica e outras Formas de Distinção*) a autora mostra como ao mesmo tempo que as imagens femininas divulgadas pelos jornais tornam se menos frequentes no final da decada de 1910 e inicio da decada de 1920 configuravam se novas formas de distinção O registro da participação feminina nas colunas sociais e em atividades culturais e beneficentes passa a formar parte das novas configurações de distinção A autora analisa a nova definição de feminilidade estabelecida para as mulheres da elite que passam de mães carinhosas e dedicadas a beneméritas e protetoras dos pobres Ao mesmo tempo Joana Maria Pedro oferece atraves da descrição das sociedades femininas dedicadas a assistência e a recreação do despontar de novas atividades desempenhadas por mulheres das classes media e alta e da participação feminina na esfera literaria um quadro vivaz da sociabilidade feminina no periodo

Finalmente a autora relativiza a importância do jornal como fonte historica oferecendo uma visão da historia social das mulheres de Desterro/Florianopolis na qual procura recriar a vida das mulheres de camadas populares Trabalhadoras prostitutas amasias são rastreadas atraves de diversas fontes As imagens idealizadas e universalizadas de mulher veiculadas pelos jornais são contrapostas a variedade de atividades comportamentos e atitudes femininas Ao longo deste contraste a autora apresenta informações valiosas sobre os mais diversos aspectos das vidas femininas em Desterro/Florianopolis naquele periodo Joana Maria Pedro mostra como as imagens idealizadas das mulheres veiculadas nos jornais e que serviam a distinção da elite norteavam os registros da policia e de seus atos na repressão as camadas populares Mostra também o efeito diferenciado da desobediência as definições normativas da feminilidade

Mulheres Honestas Mulheres Faladas e um texto que expressa a preocupação com a reconstrução historica dos papeis sociais femininos e no qual se procura desvendar normas culturais que delimitam comportamentos femininos e resistencias a essas normas Essa perspectiva permite privilegiar o recorte **mulheres** observando ao mesmo tempo a pluralidade de comportamentos femininos

Olhar com atenção para os papeis diversos desempenhados por mulheres de diversas camadas sociais papeis que mudam ao longo do tempo possibilita ate certo ponto

dessencializar a condição feminina. No entanto, so até certo ponto porque quando se trata de papéis sexuais estes são pensados em referência a uma identidade.

A teoria dos papéis sociais é uma perspectiva preocupada com os fatores que influenciam o comportamento humano. Nesta perspectiva os indivíduos ocupam **posições** na sociedade e o desempenho de seus **papéis** nessas posições é determinado por **normas** e regras sociais, assim como pelo desempenho que outros fazem de seus papéis. A maneira do teatro, nesta perspectiva, assume que o desempenho dos papéis resulta das prescrições sociais e do comportamento dos outros e que as variações individuais na **atuação** se expressam dentro do marco criado por esses fatores.

A ideia de posições ocupadas no desempenho dos papéis faz referência a categorias de pessoas reconhecidas coletivamente. Um dos atributos possíveis que pode operar como base para a definição dessas categorias é a idade, estabelecendo as posições a partir das quais crianças e adultos agem no desempenho de seus papéis. Outro desses atributos pode ser o sexo. Neste caso, homens e mulheres desempenham papéis culturalmente construídos em posições que derivam do seu sexo biológico: os papéis sexuais.

Quando digo que a perspectiva dos papéis facilita o recorte **mulheres** como foco de análise, penso precisamente nesse elemento inicial: o sexo que independentemente da variedade de papéis desempenhados e o elemento aglutinador da categoria. Isto não significa dizer que esta perspectiva necessariamente exclui os homens; na perspectiva dos papéis há uma ênfase relacional no sentido de interação.

A perspectiva dos papéis sociais traz contribuições importantes para a reconstrução da história das mulheres. No entanto, algumas historiadoras, Joan Scott entre elas, questionam o grau em que esta, assim como outras maneiras de pensar no gênero como descritivo, possibilita lançar um **novo** olhar sobre o passado. Novo entendido aqui como algo mais que a ampliação de atores no cenário da história. Scott aposta no gênero pensado como categoria analítica, como potencialmente capaz de produzir uma revolução nos paradigmas da disciplina.

É questionável que o gênero tenha esse potencial. Por outro lado, a discussão sobre a pertinência de pensar no gênero como uma categoria de análise nos termos propostos por esta autora está em aberto. O gênero é pensado por Scott como **saber** sobre a diferença

sexual. Um saber no sentido foucaultiano, sem pre-relativo, referido a compreensão que culturas e sociedades produzem sobre as relações humanas. Essa relativização se dilui no entanto na segunda proposição de sua definição de gênero. Nela, o gênero é concebido como campo **primário** através do qual é articulado o poder. Esta proposição que segundo Scott contém sua teorização do gênero, embasa a metodologia proposta para tornar o gênero uma categoria de análise: a leitura dos símbolos dos conceitos normativos das instituições e organizações sociais e da construção das identidades subjetivas. Desta maneira, o gênero torna-se campo primário de articulação de poder, quase como um a priori da pesquisa justificável nas palavras da autora, porque parece ter sido uma forma através da qual o poder adquiriu significados no Ocidente e nas tradições Judaico-Cristã e Islâmica¹.

Ao longo da leitura do livro, cai várias vezes na tentação de imaginar o que sucederia se em lugar de pensar nas mulheres como pontos nodais que não podem ser ignorados na reconstrução da trama social, como sugere Joana Maria Pedro, pensássemos no gênero como um desses pontos nodais. E penso aqui no gênero como categoria empírica, passível de uma **descrição** atenta aos significados e as formas como opera em determinado grupo social.

Valeria a pena pensar, como puro exercício de reflexão, para onde apontaria a análise se por exemplo, olhássemos para a **honra** de uma perspectiva que considerasse as hierarquizações de gênero como parte constitutiva da complexidade de diferenciações sociais.

No livro aqui resenhado, a autora afirma que se as mulheres no desempenho de seus papéis fossem alvo de murmurações que as acusassem de traiçoeiras, infieis ou vaidosas, a honra das famílias estaria irremediavelmente perdida, assim como estariam em perigo as aspirações de ascensão social e a permanência nos grupos de comando. É colocada a ressalva de que não eram somente os comportamentos femininos os que colocavam em risco a família: os do mando e dos filhos também.

¹ SCOTT, Joan Wallach. *Gender and the Politics of History*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1988, p. 2, 44, 45. Há tradução para o português dos capítulos nos quais se inserem estas ideias. A introdução foi publicada em *Cadernos Pagu* nº 3, Campinas, 1994, e o capítulo "Gênero: uma Categoria Útil para a Análise Histórica" na *Revista Educação e Realidade* de Porto Alegre, v. 16, n. 2, julho-dezembro 1990.

estavam em questão estes porém não são comentados pois não teriam o mesmo grau de importância daqueles das mulheres

Na perspectiva dos papéis sociais a atenção da autora volta-se para os comportamentos femininos para o melhor ou pior desempenho dos papéis atribuídos às mulheres. Elas aparecem como base da honra familiar. Mas as mulheres são colocadas nesse lugar mediante uma explicação quase circular que não **mostra** a operação da honra. Os jornais alertavam para os atos femininos isto sugere que o comportamento das mulheres precisava ser antes de tudo observado e delimitado porque elas eram as principais referências da honra familiar.

Em uma perspectiva de gênero a honra seria sem dúvida um elemento diferenciador/hierarquizador na disputa entre famílias. No entanto o foco estaria não no comportamento mas na operação das hierarquias que tendo como referência o que é percebido como dife-

rença sexual conformam a **honra** como mecanismo de distinção. Haveria atributos associados às honras masculinas e femininas. Mas seria necessário compreender quais são esses atributos e como eles operam qualificando diferenciando hierarquizando incluindo e excluindo indivíduos famílias grupos político-partidários etc. Isto exigiria uma perspectiva relacional no sentido de categorias em relação de diferenciação e hierarquização. O que estaria aqui em jogo seriam ações mas no plano das categorias. Compreender como operam esses atributos possibilitaria entender quais seriam aqueles englobantes quais os englobados em que instâncias e como o gênero operando na construção da honra participa de outras operações de diferenciação. É claro que esta perspectiva admitiria o recorte **mulheres** mas apenas como porta de entrada para a compreensão da operação do gênero.

ADRIANA PISCITELLI ■

O espelho próprio dos travestis

Damas de Paus O jogo aberto dos travestis no espelho da mulher

OLIVEIRA Neuza Maria de

Salvador CEB/UFBA 1994

Neuza Maria de Oliveira traz para a cena dos estudos de gênero no país uma importante contribuição com *Dama de Paus*. Enfocando especialmente os processos de transformação no corpo e na alma realizados por homens que se travestem mostra como eles progressivamente afastam-se da imagem masculina e assumem o físico a postura e o comportamento inspirados na figura da mulher. No entanto e um gênero peculiar esse que os travestis do Pelourinho Salvador Bahia estilizam. A contribuição de Neuza é ainda mais relevante quando levanta o veu que encobre a figura do cliente os seus desejos e a sua interação com os travestis. A linha escolhida pela autora é ousada pois pretende analisar a relação deste determinado universo com a sociedade envolvente e nesse

sentido ao mesmo tempo que seduz o leitor com *insights* importantes também incorre em certas generalizações nem sempre pertinentes.

A autora apresenta três categorias para dar conta da metamorfose: homem mulher que embora manipulem a imagem de mulher conservam sutis diferenças e se reconhecem como identidades distintas. As categorias são os **transformistas** que cultivam o encanto do disfarce de dia são homens e de noite mulheres. Não recorrem à castração não tomam hormônios e não usam silicone. Seriam homens que em determinados momentos representam mulheres. Já os **travestis** são aqueles que diferentes dos transformistas ampliam os limites da alteração corporal. Frequentemente recorrem aos hormônios e ao silicone. Os seus corpos aproximam-se da forma anatômica do da mulher. Os **transexuais** se consideram mulher na pele de homem e buscam intensamente a identidade absoluta com a mulher. A auto mutilação da genitalia e um desejo recorrente mas sobretudo o imaginário feminino que perseguem e o da mulher pacata e submissa.

Formam um contínuo e se diferenciam no sentido em que se afastam dos atributos do sexo masculino e conseqüentemente aproximam

se do feminino Um e homem de dia e mulher de noite o seu corpo e reversível o segundo não pode mais ser definido como homem pois o seu corpo conta com atributos femininos e o terceiro castrado foge da ambiguidade e aproxima se definitivamente do gênero feminino Estão hierarquizados segundo a proximidade que conseguem estabelecer com o gênero feminino Mas de outro prisma impera também outra hierarquia que se apoia fortemente na ambiguidade e na manutenção dos atributos valorizados dos dois generos Segundo a escala de valores dos travestis eles estão no topo pois reúnem atributos femininos valorizados e resguardam um atributo definidor da identidade masculina o pênis

O livro se abre com uma instigante visão histórica da prostituição de travestis Propõe que o incremento da atividade observado na década de 80 e um fenômeno associado a moda unissex as *drag queens* a performances de personagens do *rock and roll* do universo cinematográfico Enquadra se em um clima mais geral de androginização da cultura ocidental Desta maneira contextualiza se os travestis inserindo os num campo não necessariamente marcado pelo estigma O mesmo movimento de relativização esta presente na análise da inversão de gênero presente em diferentes épocas e culturas

O título do livro e um achado *Dama de Paus* uma figura do baralho que sinaliza para a ambiguidade do universo estudado Porém se a característica mais marcante dos travestis e justamente ter cara inspirada na aparência de mulher e órgão sexual de homem ou seja aparentar ser mulher em cima e homem em baixo torna se uma incongruência a composição da capa Como os travestis a figura da capa deveria estar invertida

A complementação do título O jogo aberto dos travestis no espelho da mulher traz em si uma tensão que perpassa toda a análise mas talvez isto ocorra justamente por exprimir a ambiguidade atributo da propria categoria em análise Em diferentes momentos o livro sugere que o travesti não se traveste propriamente de mulher nem pretende fazê lo (introdução de Cecília Sardenberg p 14) ou e a personificação onírica da mulher que não existe (Oliveira p 37) Ele se espelha num estereótipo de mulher numa fabricação do feminino que so existe enquanto uma fabricação A identificação plena com a mulher fica a cargo dos transexuais que se submetem a castração para se aproximar o maximo possível da figura feminina Ora a mulher idealizada pelos traves

tis não encontra respaldo em certa figura feminina submissa e recatada Qual e o espelho em si a ideia de distorção mas se for analisado o processo de construção dos travestis ver se a claramente que ele se da apenas entre travestis que o modelo a ser seguido e um travesti ja feito O resultado final nao são mulheres e sim homens com corpo andar e postura de travesti e que apresentam órgão sexual masculino

Como propõe a autora eles querem ser mulheres com algo mais com algo que falta as mulheres Querem ser mulheres falicas (p 46) Creio que para entender este universo e pouco esclarecedor se ater exclusivamente a dicotomia que se baseia na construção de genero homem/mulher Quando se esta em duvida sobre o sexo de um travesti e ocorre a pergunta se e homem ou mulher a resposta e clara nenhum dos dois e um travesti Na sociedade brasileira os travestis integram uma terceira categoria e por isso mesmo eles espelham se miram se neles mesmos É verdade que este debate sobre o necessario dualismo ou não das categorias de gênero e um topico em aberto A reflexão sobretudo a antropológica tem enfrentado esta questão se as categorias do pensamento que se debruçam sobre a diferença anatômica dos sexos podem desligar se ou não do constrangimento do dimorfismo sexual da especie humana¹

Num plano de análise as reflexões que se apoiam na dicotomia dos gêneros e pertinente ja que são homens que alteram o corpo e o comportamento aproximando se da mulher Esta e uma classificação primeira que engloba todas as outras Porém num outro nivel e necessario fugir desta dicotomia pois os travestis ao aproximarem se da figura feminina criam uma terceira categoria socialmente identificável Nesse sentido a ideia de que eles realizam um ritual de transformação no espelho feminino (p 75) obscurece em parte a complexidade da questão Ha um espelho proprio dos travestis A referencia não são as mulheres e sim os proprios travestis O aprendizado se da entre eles através dos conhecimentos exigidos para efetuação da transformação desde os detalhes como hormonios e silicone a camuflagem do penis

A propria maneira como se da a pratica prostitutiva na qual o travesti não desempe

¹ HEILBORN Maria Luiza Genero e Hierarquia a costela de Adao revisitada *Revista Estudos Feministas* v 1 n 1 CIEC/ECO/UFRJ p 50 82 1993

na necessariamente o papel de passivo afasta o do gênero feminino. Assim, a recusa da emasculação e o próprio comportamento sexual classificado como masculino na atividade de penetradores distanciam nos do papel feminino. A castração que os transformaria em transexuais poderia aproximar, mas ainda mais da figura masculina, contudo eles mantêm o pênis, gestando-se a figura ambígua, que e por síntese um travesti. Se o travesti aproxima-se de fato de alguma mulher, parece ser da prostituta, justamente por que esta é diferente das outras mulheres: controla a sua própria sexualidade e, portanto, em certo sentido, aproximam-se do comportamento sexual masculino?

Como a interpolação entre os dois planos de análise não foi tratada exaustivamente, o texto apresenta-se ambíguo, pois a cada momento um deles prevalece. Ora os travestis se inspiram na figura feminina, ora não o fazem. Mas Neuza de Oliveira, ao mesmo tempo, que permite certa confusão entre estes dois planos, apresenta toda a complexidade do tema. Seguindo a própria autora, os travestis, com sua fantasia rebelde, subvertem uma ordem culturalmente inspirada na diferença anatômica entre os dois sexos que aprisionam os sujeitos em dois grandes reinos: o masculino e o feminino (p. 38). Muitos travestis, longe de desejar se transformar definitivamente em uma mulher, desejam, antes de tudo, conservar sua ambiguidade ou seja, permanecer na margem (p. 71).

O outro eixo fundamental da interpretação de *Damas de Paus* e a abordagem da prostituição como negócio do sexo. A autora opta pelo ângulo do mercado e do trabalho para afastar-se da construção ideológica que concebe (a prostituição) apenas sob o ponto de vista do corpo que se vende (p. 20). Nesse sentido, a ideia é interessante, pois pressupõe a noção de troca, que envolve todos os parceiros. Porém, este aspecto não é exclusivo da atividade prostituinte. O casamento, com o respectivo dote, como bem ressalta a autora (p. 82), pode ser visto sob o mesmo prisma. A prostituição pode ser entendida como relação especial de troca que envolve bens com valores simbólicos distintos. Troca-se o corpo, algo considerado pessoal, íntimo, único, por dinheiro, o bem impessoal, por excelência. Nessa linha de raciocínio, considera a prostituição como uma troca mercantil e o travesti como força de

trabalho social, aderindo à linha contemporânea de reivindicação da categoria como trabalhadoras do sexo. Essa opção se radicaliza, acaba por deslocar dimensões desta atividade que não se esgotam na esfera do trabalho ou do mercado, mas, felizmente, esta linha de pensamento não ultrapassa todo o trabalho de Neuza de Oliveira.

Considera desta forma o corpo do travesti como a ferramenta do negócio do amor (p. 90) e propõe que ele exerce a sua atividade com a mesma competência que qualquer outro trabalho (p. 85). Os travestis não parecem ter dúvidas de que sua atividade é um trabalho e em seus depoimentos deixam transparecer que eles não estão negociando amor e sim sexo. A figura da troca amorosa não faz parte do negócio (p. 121). Esta ótica leva a perceber o programa como um acordo previamente estabelecido, no qual não existe a desordem onírica das fantasias devassas; ele está submetido a mesma ordem que o trabalho, no processo produtivo legítimo, obedece às mesmas pancadas de repetição e monotonia (p. 121). Cabe perguntar se estes acordos envolvem os diferentes tipos de violência que geralmente são praticadas contra os travestis. Iria mais além o sexo não é um domínio que traz em si a possibilidade mesmo que remota da desordem?

Uma nota estranha no livro é a ausência de qualquer reflexão sobre as informações obtidas a partir de entrevistas. Refiro-me especialmente à veracidade de algumas informações sobre vários aspectos da atividade prostituinte. Embora possa considerar que mentir não é um atributo exclusivo dos atores sociais que se dedicam à prostituição (como as garotas de programa, que analisei), suspeito que uma série de contradições presentes na etnografia repousem neste hábito. Primeiro, apesar de várias referências fornecidas pelos entrevistados sobre os elevados ganhos obtidos com a prostituição, o seu cotidiano é marcado pela falta de dinheiro. Situação que fica evidente quando Neuza de Oliveira descreve as condições de moradia dos travestis do Pelourinho. Talvez este já operando aí uma hipervalorização dos ganhos obtidos na prostituição para justificar a entrada e permanência nesta atividade. Os supostos pagamentos elevados lançam uma sombra em aspectos negativos da prostituição.

O segundo elemento que pode incorrer em manipulação da verdade reside no fato de os travestis frequentemente mencionarem ser um desejo recorrente dos clientes serem penetrados (p. 18). Não quer dizer que tal desenlace do programa não ocorra, mas muito provável

² GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

mente ele e muito menos frequente do que os travestis pretendem que se acredite. Muito embora este seja um programa que resulte em uma das maiores remunerações, percebe-se que a ereção não deve ser regularmente conseguida devido ao processo de feminilização apoiado na ingestão de hormônios. Neuza de Oliveira e textual a consequência mais drástica dessa prática e a redução da capacidade de ereção em decorrência da desordenação do metabolismo orgânico (p. 73).

Na realidade, no encontro entre travesti e cliente embaralham-se os signos de masculino e feminino. Apesar de ser o travesti que modela o seu corpo e o seu comportamento segundo padrões femininos e o cliente que, com aparência masculina, solicita a penetração, colocando-se assim numa posição feminina, considerando-se o modo como se articula a cultura sexual brasileira.³ No terreno do ambíguo, as inversões se sucedem, o estigma ainda que temporário recai sobre o cliente e o travesti que, ao modelar o seu corpo, desenfata sua virilidade e chamado a afirmá-la, porque e exatamente o que o cliente parece procurar.

O mundo dos travestis melhor se revela num episódio. O apreço pela ambiguidade e pela inversão fica evidente na história do casamento de uma mulher homossexual com um travesti e de cuja união nasce um filho (p. 76). Estamos aqui no domínio do mito. Menos que a pergunta sobre a veracidade da versão, o que cabe

assinalar é a estrutura narrativa que potencializa a ambiguidade e o sentido de margens que caracterizam o mundo dos travestis. Cesar Paiva, um amigo antropólogo já falecido, há muito tempo denominou a de inverso do reverso.

Neuza escolhe a visibilidade de Roberta Close, famosa transexual no cenário nacional, para ensaiar uma interpretação mais generalizante. Propõe que o sucesso de Close pode ser considerado como um indicador de que a sociedade brasileira teria optado pelo falso (travestis, produtos eletrônicos da Coreia, Taiwan e Hong Kong) (p. 51). Diante desta generalização, um pouco apressada, cabe assinalar que falso e ambíguo não são sinônimos. E que certamente há muito a se investigar sobre aquilo que constitui a cultura sexual e erótica brasileira que invade domínios aparentemente distantes de duas fronteiras iniciais.⁴

Para concluir, considero que a questão que, no momento, mais se destaca em qual quer reflexão sobre sexualidade e o papel das doenças sexualmente transmissíveis na construção das fantasias e no exercício do prazer. É muito problemático que um trabalho sobre prostituição homossexual não faça uma única referência à Aids. Quase no final do livro (p. 126) o leitor descobre que o trabalho de campo foi feito (provavelmente) em 1983, porém nenhuma palavra lhe foi dirigida avisando o que o contexto e pré-Aids seria desejável que a apresentação de *Damas de Paus* trouxesse alguma referência à sexualidade na era do vírus HIV.

³ PARKER, Richard. *Corpos, Prazeres e Paixões: Cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Best Seller, 1991.

⁴ Ibidem.

MARIA DULCE GASPARI ■

A trama das mulheres

Tecendo por Trás dos Panos: A mulher brasileira nas relações familiares

ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia

Rio de Janeiro: Rocco, 1994

Nos últimos dez anos assistimos ao surgimento de vários trabalhos e livros referentes à mulher oriunda dos estratos médios urbanos no Brasil.

O interesse por essas mulheres e famílias parece florescer entre os pesquisadores, assim como a mídia feminina abre cada vez mais espaço nos diferentes veículos de comunicação, buscando mapear e, ao mesmo tempo, influenciar os contornos da tão falada mulher moderna e profissional.

Tecendo por Trás dos Panos, a mulher brasileira nas relações familiares, de Maria Lucia Rocha Coutinho, nasce no bojo da crescente demanda de informações sobre essas mulheres.

O leitor mais atento provavelmente inda

gar se a a respeito da origem e motivação da pesquisa pois não ficamos sabendo na apresentação da autora nem na introdução se este livro e resultado de trabalho para titulação acadêmica ou se foi realizado através de instituições financiadoras de apoio a pesquisa. Tal observação pode parecer pouco pertinente mas não e na medida em que permanecemos intrigados durante a leitura com o encadeamento da narrativa proposto pela autora. A impressão e de que estamos lendo partes de um trabalho de fôlego maior que necessitou ser remodelado para a edição em livro. Entretanto foi possível obter a informação extra de que se trata de pesquisa de Doutorado em Psicologia efetuada por Maria Lucia Rocha Coutinho na PUC/RJ.

Na introdução a autora traça um painel de como esforços desenvolvidos conjuntamente por pesquisadores de diversas áreas trouxeram luz aos processos sociais e culturais que engendram a Mulher e o Homem fundando os estudos de gênero que têm contribuído no sentido de abandonarmos a dicotomia opressão masculina *versus* subordinação feminina.

Temos então a apresentação das primeiras ideias/teses da pesquisadora que serão discutidas ao longo do livro tais como a de que nem vítimas nem algozes acreditamos que as mulheres ao longo dos anos foram tecendo modos de resistência a esta opressão masculina formas de exercer um certo controle sobre suas vidas a despeito de uma situação social adversa (p. 19) se quisermos entender melhor a mulher e sua posição em nossa sociedade faz-se necessária uma análise cuidadosa de como as mulheres se submetem e resistem a essas regras de autoridade e poder que regem as vidas pública e privada. Ou seja e fundamental um estudo sobre as estratégias utilizadas pelas mulheres para resistir a esta autoridade e poder socialmente legitimados do homem na família e na sociedade (p. 20).

Na introdução a autora revela que pretende examinar algumas formas de controle manipulação ou estratégias usadas pelas mulheres em suas relações familiares. O objetivo e descortinar apenas parte destas formas de controle ou estratégias por elas utilizadas a fim de melhor entendermos a mulher atual e melhor conhecermos algumas de suas precursoras que quase sempre anonimamente foram tecendo ao longo dos tempos formas de ser mulher (p. 22).

Para situarmos melhor o trabalho e interessante dizer que Maria Lucia Rocha Coutinho pesquisou estes mecanismos de poder em duas gerações de mulheres da Zona Sul do Rio de Janeiro

mulheres que têm entre 35 e 45 anos de idade e viveram sua adolescência e/ou início da vida adulta no final da década de 60 e nos primeiros anos da década de 70 e suas mães que tiveram seus primeiros filhos no período pós-Segunda Guerra Mundial.

A escolha destas duas gerações confere a pesquisa uma riqueza enorme na medida em que nos possibilita reconhecer a convivência simultânea e contraditória de valores antigos e modernos nessas mulheres. Além de observarmos a importância da socialização primária e secundária¹ na transmissão e manutenção de valores, normas, símbolos, crenças e comportamentos que podem **tecer panos mais modernos mas mantendo a mesma função de cobrir algo por trás desses panos**.

Como nos alerta a autora porquanto os papéis e estereótipos com relação a mulher e conseqüentemente suas estratégias de controle possam ter se modificado em uma direção menos conservadora tendo em vista a contínua transformação de valores e modelos culturais que se opera em um meio definido como moderno e que de certa forma exige um estilo de vida mais participante acreditamos ser possível verificar ainda a existência de traços conservadores sobreviventes da antiga sociedade patriarcal brasileira (p. 23).

O segundo capítulo aborda a questão do confinamento a vida doméstica e o caráter político e ideológico da maternidade exercida como destino último da mulher. O terceiro capítulo atém-se a identidade feminina como discurso ideológico a aprender a ser mulher a regulação do desejo a naturalização dos papéis enfim temas já conhecidos e relativamente estudados em outros trabalhos publicados anteriormente².

Ainda no capítulo terceiro temos como subtema a descrição da crise dos anos 70 que já se avizinhava rapidamente das mulheres que pretendiam trabalhar fora de casa e que almejavam conciliar a vida privada e a vida pública. Maria Lucia Rocha Coutinho conclui que esta crise iniciada nos anos 70 perdura ao nível da sociedade e do sujeito como algo a ser ainda solucionado satisfatoriamente já que problemas da conciliação entre o trabalho fora de casa e a família foram relegados as decisões individuais das mulheres. Conciliação que tem se mostrado impossível no meu modo de ver sem que ocor

¹ Depois da Maternidade Inicial a Socialização. In MASSI Marina. *Vida de Mulheres cotidiano e imaginário*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 152.

² Madeluz, Malvina; Muskat, Rosiska D. Oliveira e Vera Paiva são autoras importantes para o estudo do tema.

ra uma profunda reformulação social dos papéis de homem e de mulher em nossa sociedade assim como uma providencial revolução na organização dos cuidados primários dos filhos³

Porem e no quarto capítulo A Mulher no Brasil que a autora mostra o seu campo de trabalho onde e capaz de descortinar os panos e nos introduzir nas tramas de como as mulheres brasileiras puderam resistir a posição de poder e autoridade dos homens

Em uma reconstrução histórica da realidade cotidiana e social a partir da época das matrarcas coloniais a autora consegue costurar com vivacidade a intersecção entre história e literatura brasileiras nos oferecendo uma visão acurada de como essas mulheres amenizavam a opressão e utilizavam as estratégias de controle

O leitor perceberá portanto que da página 66 (cap 4) em diante Maria Lucia Rocha Coutinho abre os panos e mostra a originalidade de seu trabalho alcançando no quinto capítulo (As Estratégias de Controle Feminino como Resultado do Papel e da Posição da Mulher na Sociedade) o cerne das indagações inicialmente propostas

Considerando estratégias de controle as formas de um agente social levar uma pessoa a pensar sentir ou agir de um modo que nem sempre partiria espontaneamente desta pessoa e acrescentando que as estratégias empregadas em geral estão relacionadas a distribuição de poder e autoridade não apenas no espaço doméstico mas também na sociedade de um modo geral (p 21) a autora mostra como as mulheres aperfeiçoaram táticas de sobrevivência emocional e de poder dentro do sistema patriarcal e puderam de certo modo extrair algum benefício secundário mesmo num contexto adverso

O último capítulo refere-se a pesquisa de campo propriamente dita constando de depoimentos dos sujeitos escolhidos oito pares de mães e filhas e a análise dos discursos a partir de cinco categorias definidas de estratégias de controle formas diretas ordens ameaças e reprimendas jeitinho cobrança chantagem emocional e fragilização do marido e dos filhos cuidados com a casa

Através destas categorias de análise temos que as mulheres brasileiras de classe média com idade entre 60 e 75 anos de idade que se casaram e tornaram-se mães no período do

pos guerra desenvolveram estratégias sofisticadas de manipulação para o exercício de controle sobre sua família como o jeitinho a cobrança a vigilância a chantagem emocional e a fragilização de seus maridos e filhos Ao passo que suas filhas na faixa dos 35 aos 45 anos de idade que sofreram na adolescência o impacto das mudanças proporcionadas pelos movimentos feministas dos anos 60 apresentam de modo distinto as mesmas estratégias de controle ainda que de forma mais contraditória dividida e culpada em suas respectivas famílias

Para ambos os grupos mães e filhas podemos observar que apesar da diferença geracional o paradigma da diferença entre homens e mulheres e dado pela maternagem assim a especificidade do papel da mulher nos cuidados primários e na educação permanece intacto ou seja a mãe continua a ser vista como insubstituível na criação dos filhos A dupla jornada tem um de seus maiores aliados nesta crença aparentemente imutável da mãe insubstituível Paradoxalmente aí parece residir a sensação de poder máximo das mulheres já que homem algum poderia tirar-lhes este singular atributo⁴

Como conclusão podemos afirmar que o entendimento das relações de poder da mulher/mãe no seio da família desenvolvido por Maria Lucia Rocha Coutinho nos é bastante útil no trabalho com mulheres e até nas terapias de família pelo fato de deslocar a convencional ideia da mulher massacrada pelo homem sem recursos de defesa na guerra familiar e pública A ótica escolhida pela autora demonstra como a mulher ao defender-se da opressão masculina acaba colaborando consciente ou inconscientemente na perpetuação do malfadado modelo patriarcal

Para finalizar citemos a própria autora em um diagnóstico preciso da problemática por ela estudada sem se dar conta portanto a mulher contribuiu para a manutenção do esquema machista que prevaleceu na sociedade tradicional e contra o qual ela própria ainda que muitas vezes apenas em nível de discurso se rebelou Romper com esta situação significa antes de mais nada tomar consciência deste jogo que se estabeleceu através dos séculos e no qual homens e mulheres são perdedores (p 239)

Para as pesquisadoras sobre as mulheres dos estratos médios urbanos trata-se sem dúvida de um livro indispensável

³ Estou me referindo as ideias desenvolvidas pela psicanalista e feminista americana Nancy Chodorow Ver *The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender* University of California Press 1978

⁴ CONTRATTO Susan *The Fantasy of the Perfect Mother* In CHODOROW Nancy J *Feminism and Psychoanalytic Theory* Yale University Press 1989

Psicanálise e discurso das minorias

The Practice of Love

LAURETIS Teresa de

Bloomington/Indianapolis Indiana University
Press 1994

O livro de De Lauretis se inscreve em um campo que já começa a ter alguma visibilidade pelo menos nas literaturas de língua inglesa e francesa o das relações entre as teorias feministas e a teoria psicanalítica. Além disto e perpassado por um diálogo constante com as teorias do cinema e da literatura que ajuda a expandir os limites de sua compreensão. Ao dialogar com esses conhecimentos a autora tem como objetivo desenvolver a concepção de uma subjetividade homossexual/lesbica que não se defina por relação a heterossexualidade.

Sendo professora do curso de History of Consciousness (HistCon) na Universidade de Santa Cruz, California, ela faz parte de um Programa de Doutorado cuja característica tem sido a constante tentativa de forjar novos espaços e inaugurar um novo olhar sobre vários assuntos tradicionais e mais recentes. Que busca ultrapassar muitas vezes as fronteiras dos vários saberes constituídos implodindo com as delimitações existentes para colocar em pauta novos saberes.

Trata-se pois de mais um trabalho do HistCon, desta vez de um fôlego e uma paixão difíceis mesmo de serem circunscritos no âmbito da palavra, que certamente devem ser responsáveis por alguns problemas que apontaremos mais adiante. São no entanto o mesmo fôlego e a mesma paixão que facilitam a autora o amplo esquadramento da literatura sobre o assunto, a discussão esmiuçada com boa parte dela, e ao mesmo tempo a impedem de buscar a saída fácil e o recurso ao superficial baseados em estereótipos acerca do lesbianismo. Como comenta no capítulo sobre Cinema e Representação Lesbica:

Simply casting two women in a standard pornographic scenario or in the standard frame of the romance and repackaging them as a commodity purportedly produced for lesbians does not seem to me sufficient to disrupt subvert

or resist the straight representational and social norms by which homosexuality is nothing but heterosexuality nor a fortiori sufficient to shed light on the specific difference that constitutes a lesbian subjectivity (p 114)

É com a intenção de romper, subverter e resistir as normas sociais e representacionais que o livro caminha e é a partir desta intenção que se deve valorizar e se pode examinar. Um dos pontos altos em que esta intenção se faz sentir em toda sua intensidade e a do comentário ao poema de Adrienne Rich (p 169-171). Apontando a dificuldade que muitas autoras tiveram de lê-lo como a um poema de amor lesbico, propõe uma nova aproximação a ele. Já havendo desenvolvido a categoria de fantasia anteriormente, agora ela passa a buscar as marcas da relação de fantasia com a mãe e com o corpo materno/feminino que são centrais para a subjetividade e o desejo lesbicos. Fala de um desejo sem limites que sobrevive inscrito através do e sustentado pelo cenário de fantasia do corpo materno feminino que é uma fantasia precisamente porque aquele corpo é sempre perdido (p 171). Considera então que há uma duplicação deste objeto originalmente perdido (o corpo da mãe) por outro objeto originalmente perdido (o corpo feminino) e o deslocamento deste último na significação do próprio desejo (p 250).

Em outro ponto, mais à frente, retoma esta perda do corpo materno para desenvolver uma discussão com o conceito freudiano de *Verleugnung* (recusa/disavowal). Vemos então a autora acentuando a ideia de Freud que considera o feticismo um resultante da recusa do sujeito de reconhecer a mãe como castrada. Apesar de Freud supor existir este processo apenas no sujeito do sexo masculino, De Lauretis faz um paralelo que lhe permite repensar os conceitos freudianos de castração e feticismo em relação a subjetividade e a representação lesbicas (p 212). Desenvolve sua ideia utilizando-se novamente da análise minuciosa e exemplar de dois textos literários: um de Radclyffe Hall (*The Well of Loneliness*) e outro de Cherrie Moraga (*Giving Up the Ghost*). Em ambos se trata de examinar a relação das personagens principais, Stephen e Corky respectivamente, com o corpo da mulher. Mesmo marcando a especificidade das experiências sociosexuais

e socio históricas de cada uma em ambas ela se depara com uma fantasia de dispossessão do corpo sustentada por uma fantasia original de castração e acrescenta

I am willing to take the risk of arguing that the two fantasies are similarly structured in relation to an original fantasy that structures some of the settings some of the scenarios of lesbian desire (p 215)

Mostra portanto de formas diferentes a relação da mulher com o desconhecimento e a perda do corpo feminino e passa a formular uma **recusa** desta perda como a característica marcante do desejo na sexualidade lesbica

Sem podermos no âmbito de uma resenha fazer justiça a complexidade das *demarches* envolvidas na elaboração deste trabalho de 331 páginas não é difícil entretanto notar que os trechos em que o poder de elaboração da autora se mostra mais firme são os que se desenvolvem a partir da análise de textos e filmes. A teoria psicanalítica serve inúmeras vezes como guia desta leitura como pano de fundo para orientar a análise. Este e nitidamente o caso quando desenvolve a tese da perda originária do corpo como procuramos exemplificar

No entanto a articulação do pensamento feminista com a conceitualização psicanalítica ao passar para o primeiro plano apresenta problemas metodológicos que sem dúvida apontam para alguns pontos embaraçados na malha que está sendo tecida

Vale dizer de início que De Lauretis percorre quase tudo o que foi dito pela Psicanálise acerca da sexualidade além de investigar a maior parte das aproximações feministas a este tema na Psicanálise. Usa assim diferentes autores psicanalíticos para falar de um mesmo conceito ou para considerar a questão da sexualidade feminina da sexualidade lesbica e do desejo perverso. No entanto se por um lado faz uma referência a literatura ao alcance do pesquisador e um procedimento esperado quando se trata de introduzir qualquer discussão por outro faz falta uma marcação que indique as mudanças de ponto de vista

Neste sentido o texto não revela que muitas vezes ao passar de um autor a outro da definição de um conceito a outro a perspectiva de onde se fala é completamente mudada. Por exemplo o homossexualismo tal como pensado por Lacan e comentado por Mitchell e Rose que nele se inspiram tem pressupostos sobre a sexualização que se daria em torno do valor estruturante do faló quase contraditórios com o pensamento pos freudiano que admite

uma sexualidade que vai se tornando madura por fases de desenvolvimento como certamente esta presente em Lampl de Groot e Helen Deutsch (Cap 2). Da mesma maneira não é que não se possa aproximar a ideia lacaniana de especularização a de fantasia proposta por Laplanche e Pontalis (p 96) contudo é necessário que se marque a diferença entre as perspectivas de onde se está olhando. Apesar de todos serem autores psicanalíticos e terem sua matriz no pensamento freudiano suas conceitualizações de sexualidade e de desejo são muito distintas para serem consideradas em um contínuo

Sob pena de o texto cair numa posição ecletica ou de se obter um saber meramente acumulativo é necessário levar em conta que não se está lidando com termos cujo valor aproximado e dado no uso linguístico mas com conceitos cuja apreensão acurada é obtida através do contexto teórico que lhes empresta sentido. Sem a referência a este em muitos pontos a menção aos termos fica ambígua e imprecisa. Ainda se se considera que a constituição de um objeto de estudo se dá no próprio estabelecimento do ponto de vista do qual se vai olhá-lo tudo se passa como se tivéssemos vários objetos sendo questionados interrogados ao mesmo tempo

Estas observações contudo podem ser reinscritas numa outra cena. No trabalho de De Lauretis na maior parte das vezes as questões são trabalhadas com uma tal intensidade com uma tal paixão que fica a impressão de que os limites da palavra podem mesmo ser rompidos em favor de uma fala que tem que procurar o seu lugar fora de tais limites ainda que por referência a eles. É neste ponto que pode ser valorizado o recurso a teoria psicanalítica a qual vem dar as condições para que se desenvolvam e se estendam os limites de um pensamento quase sempre calado sobre a especificidade da homossexualidade e do desejo lesbicos

ANNA CAROLINA LO BIANCO ■

DADOS

Vol 38, nº 1, 1995

Revista de Ciências Sociais

Editor
Charles Pessanha

Democracia e Reforma Econômica A Visão das Elites Brasileiras
Maria Regina Soares de Lima e Renato Raul Boschi

Valores Políticos das Elites e Consolidação Democrática
Elisa P Reis e Zairo B Cheibub

Valores e Opiniões da Elite Notas sobre Padrões de Apoio a Políticas Sociais
Zairo B Cheibub

As Eleições de 1994 Uma Apreciação Geral
Leôncio Martins Rodrigues

As Eleições Gerais de 1994 Resultados e Implicações Político-Institucionais
Olavo Brasil de Lima Junior

Muito Barulho por Nada? O Realinhamento Político-Ideológico nas Eleições de 1994
Luis Fernandes

A Desdramatização da Mudança ou o "Desencantamento" do Brasil
Rubem Barboza Filho

O Coroamento da Era Vargas e o Fim da História do Brasil
Luz Werneck Vianna

DADOS

REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DADOS Revista de Ciências Sociais (ISSN 0011 5228) e uma publicação quadrimestral do Instituto Unversitario de Pesquisas do Rio de Janeiro Iuperj

REDAÇÃO E ASSINATURAS Rua da Matriz, nº 82
Cep 22260 100 Botafogo
Rio de Janeiro, Brasil
Tel (021) 537 8020
Fax (021) 286 7146